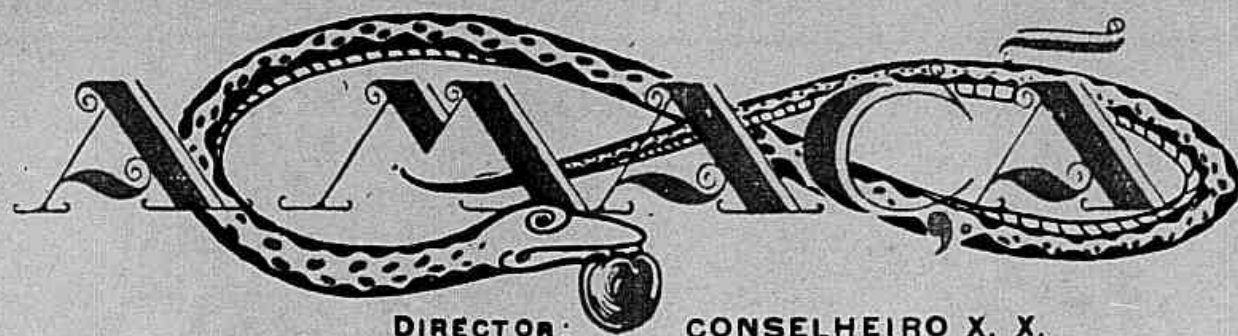




DIRECTOR: CONSELHEIRO X. X.

ALTAS CAVALLARIAS



O "Derby" e a sua "mascotte"

"FLUXO-SEDATINA"

O grande remedio
das senhoras

é a Fluxo-Sedatina

Porque cura Colicas Uterinas em 2 horas. Suspensões, Hemorrhagias excessivas, Inflamações dos Ovarios e todas as doenças do Utero combate-se com a FLUXO-SEDATINA.

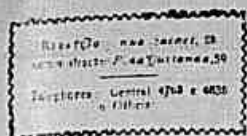
Na idade critica das mocinhas, regula os periodos mensaes, e nas senhoras evita os Tumores Uterinos.

Nos Partos, diminue as Dores e as Colicas e evita as Hemorrhagias Antes e Post Partum.

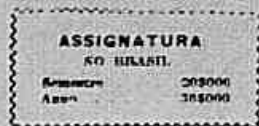
Os directores de hospitais, sanatorios e parteiras que queiram fazer experiencias dirijam-se ao deposito

RUA BUENOS AIRES, 214 — RIO





O IMPARCIAL



PROPRIEDADE DA S. A. (O IMPARCIAL)

ANNO XI — N. 1.576

RIO DE JANEIRO

Sabbado, 14 de Abril de 1923

UM FOLHETIM SENSACIONAL

“O Imparcial” iniciou ha dias, a publicação, em folhetim, do notavel romance da baroneza de Suttner — “Abaixo as armas!”.

Nascida em Praga, no anno de 1843, Bertha Suttner era de illustre linhagem; seu pae, o conde Francisco Kinsky, exercia o commando de feld-marechal no exercito austriaco; sua mãe usava o appellido de Korner e descendia da familia do heroico autor de “A lyra e a espada”. Educada sob a influencia das idéas da honra militar, do dever do soldado, das glorias conquistadas no campo de batalha, que na sua familia eram verdadeiras leis, pois seus avós, como seus irmãos, serviam todos como militares, parecia impossivel que a consagrada escriptora, dama pertencente á mais alta aristocracia viennense, se desprendesse, com o decorrer do tempo, de todos os prejuizos tradicionaes para lançar contra a guerra o seu fulminante anathema e ser o mais decidido campeão da paz.

“Abaixo as armas!”, que é uma obra empolgante pelo enredo altamente dramatico e um preciosissimo trabalho historico, de farta documentação, escripto em estylo admiravel, mereceu o Premio Nobel, como uma das mais valiosas contribuições para a propaganda da paz universal.

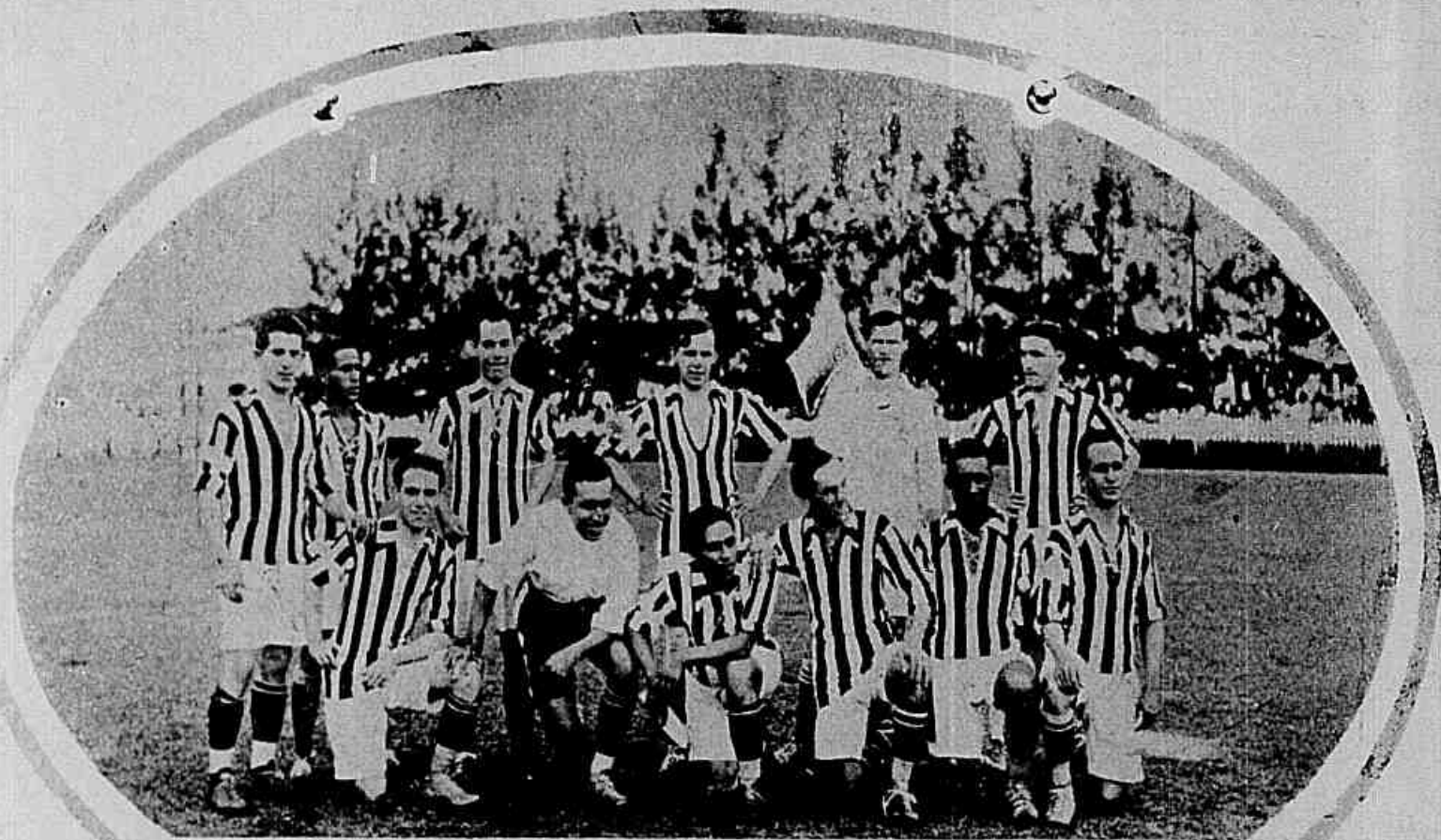
O que caracteriza esse magnifico livro é, entretanto, o sentimento, a naturalidade com que o escreveu Bertha Suttner, parecendo relatar a sua propria vida. O horror com que descreve as terriveis scenas de Sadowa só pôde experimental-o quem haja presenciado quadros semelhantes; aquelle amor de esposa, aquelle amor materno, desdobrado em infinita ternura, só pôde exprimil-o, como ella, quem o haja sentido.

O romance que “O Imparcial” está publicando é, pois, dos mais attractentes.

ASSIGNATURA: Anno 40\$000 — Semestre 25\$000

ADMINISTRAÇÃO: Rua da Quitanda, 59.- RIO

O FOOT-BALL NOS ESTADOS



Campo do COMMERCIAL FOOT BALL CLUB de Ribeirão Preto; em cima, o seu 1º team

A conflagração mundial

Após uma infinidade de viagens aos Institutos de Belleza, no intuito de embellezar a pelle, a jovem senhora resolveu tentar providencias mais fortes, correndo ao consultorio do professor Eduardo Rabello, que lhe applicou logo, uma injeção de néo-salvarsam. Em vez, porém, do sangue da enferma se accomodar, revoltou-se ainda mais

com essa primeira dóse, pondo-lhe no rosto umas espinhas enormes, que, quasi, a desfiguraram.

Apavorada, madame voltou á presença do illustre professor.

— E' a gueera mundial, minha senhora! — explicou este, rindo.

E como a moça arregalasse os olhos:

— E' a conflagração... de 914!

Não perca tempo nas suas compras...

Se deseja adquirir artigos bons, pelos menores preços, dirija-se imediatamente ao conhecido estabelecimento de modas

CASA TEDESCO

9 — Rua Gonçalves Dias, — 9

Comprem todosos mezes

O MUNDO LITERARIO

Magnifica e victoriosa revista do movimento cultural no Brasil

Directores: PEREIRA DA SILVA e THÉO-FILHO
Secretario: AGRIPPINO GRIÉCO

Collaboração dos maiores escriptores brasileiros.
Só publica ineditos. Traz a resenha do movimento literario nos paizes europeus e nos estados da União.
Cada exemplar de 130 paginas: 2\$000, e 2\$500 no interior.

EDITORA

A Grande Livraria LEITE RIBEIRO

Dr. Luiz Sampaio

OPERADOR E PARTEIRO

Especialista em molestias de senhoras e creanças, em syphilis e vias urinarias.

Applica injeções de 914 por processo rapido e sem dor.

CONSULTORIO — Ourives 30, das 4 ás 6 horas

Telephone Norte 1422

RESIDENCIA — PRESIDENTE DOMICIANO 194

Nictheroy

Telephone 2066

ROYAL STORE

Os melhores artigos
pelos menores preços

OUVIDOR, 187
Telephone: N. 6717

FOOT-BALL



A CASA ESTRELLA communi-
ca aos jogadores deste Sport, que recebeu
pelo Almanzora, grande sortimento de meias
com as cores de todos os Clubs, e camisas para
Goal-keeper importadas do afamado fabricante
MORLEYS.

O UVIDOR, 134

Equipamento moderno de escriptório

Do melhor o melhor

a machina de escrever L. C. Smith & Bros n.º 8



A construcção, toda, “a esphas” na
SMITH & BROS, não é nenhuma inno-
vação — 20 annos de experiencia têm de-
monstrado a excellencia deste systema —
Ausencia de attricto — maior durabilidade.

TABULADOR DECIMAL

sem augmento do preço.

Funcionamento quasi inteiramente silencioso. Modelos no. 8 e modelos no. 5

Ag. nie geral: **John Roger**, rua da Quitanda 156 e 158

Mimeographos, ‘Edison-Dick’ — Os afamados Cofres “Minerva” etc. etc.

Visitem minha exposição.

OLHOS

Inflammações e purgações

USE O

“COLLYRIO MOURA BRAZIL”

CASA RAUNIER

OUVIDOR, 170

DESCONTO 10 %

nas secções de
FAZENDAS, CAMISARIA e TAPEÇARIA

Alguns preços:

Camisas percale para homem.....	9\$500
Pyjamas percale para homem.....	16\$200
Cuecas percale para homem.....	7\$200
Chapéos de palha para homem.....	8\$800
Chapéos de lebre para homem.....	24\$000
Meias fantasia para homem, 1/2 dz.....	7\$500
Meias de seda para senhoras.....	6\$500
Mousseline fantasia, corte.....	10\$800
Voile alg., corte.....	14\$900
Seda lavavel superior, metro.....	12\$600
Gaze chiffon todas as cores metro.....	10\$800
Porta-seios filó.....	4\$500
Cintas para senhoras.....	16\$000

FOGÕES A GAZ ALLEMÃES

(De Junker & Ruh-Karlsruhe)

Com os afamados queimadores economicos paten-
teados — Esmaltados de Branco, Nickelados,
Elegantes e Solidos, Limpeza absoluta. —
Universalmente conhecidos como os
mais economicos.

Geladeiras de todos os tamanhos

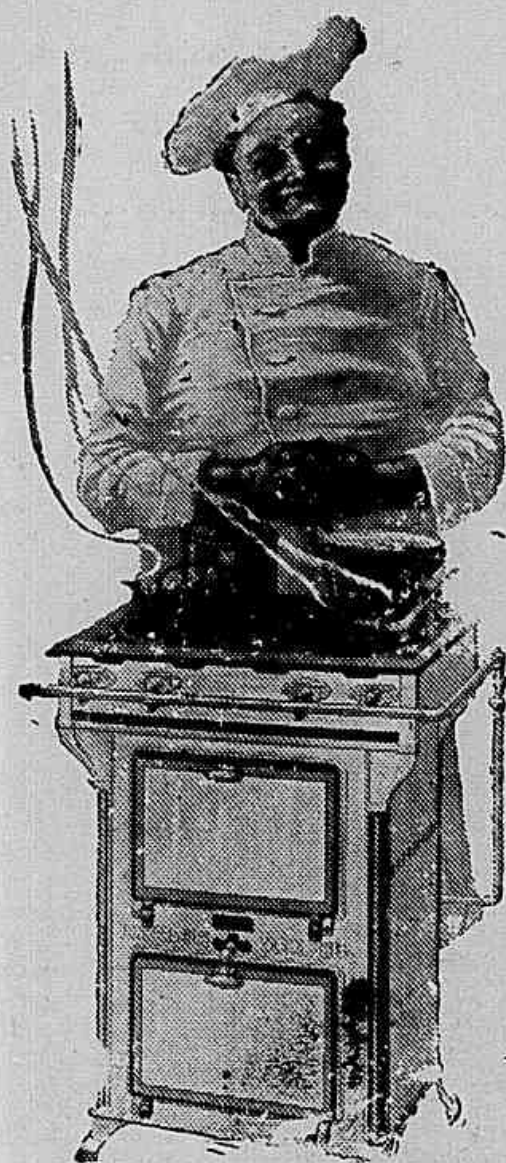
Sabonete SANITOL

é o preferido para o banho e toilette

Unicos depositarios: OTTO SCHUBACK & C.

Rua Theophilo Ottoni, 93

Telephone Norte 6773 RIO DE JANEIRO



Que é a felicidade?

A felicidade é o amor. Para ser feliz, é preciso amar. Para amar, é preciso ser forte. E para ser forte, é preciso ter usado o

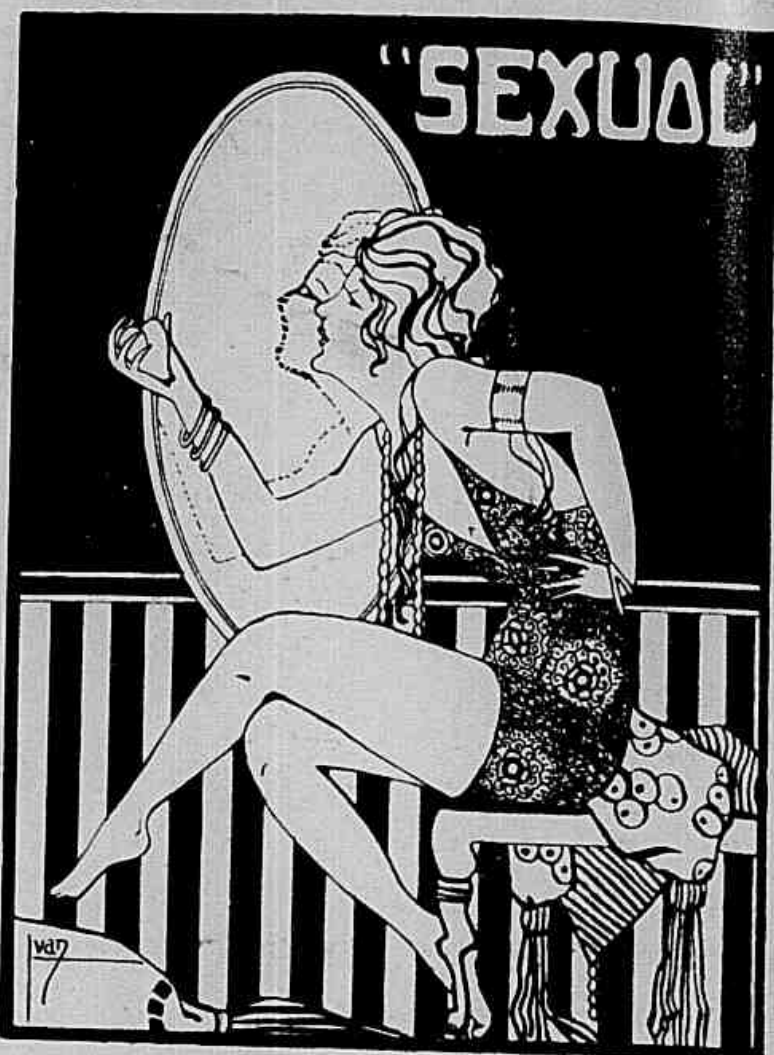
“SEXUOL”

Remedio providencial, de effeitos assombrosos incomparavel nos casos de Esterilidade — Debilidade sexual — Esgotamento nervoso — Fraqueza senil — Cachexia organica — Inappetencia genesica — Neurasthenia — Pouca virilidade, produzida por excessos.

Preparação opotherapica, feita segundo o methodo de Brown Sequard

Preço do tubo 10\$000

DEPOSITOS: **RIO DE JANEIRO — Hargreaves & Cia.**
Quitanda, 17
S. PAULO — Messias, Andreucci & Cia.
DROGARIA INTERNACIONAL - R. Quintino Bocayuva, 18



O sacco dos nabos

Quem frequenta diariamente o grande «restaurant» da Avenida, notará que, a uma certa hora, das duas em diante, os «garçons» começam a mudar de roupa, tirando a jaqueta, e ganhando a rua. Um freguez que observou o caso, indagou do gerente o motivo daquellas sah' d's

— Esses «garçons» cá de casa são muito fidalgos! — informou o homensinho.

— Vão passeiar das duas ás tres?

— Não, senhor; elles ganham aqui, e vão almoçar fóra!

Quem sabe se os freguezes não fariam o mesmo, se vissem, como os «garçons», a cosinha do grande «restaurant»?!

Agencia de “Publicações Mundiaes” de Braz Lauria

RUA GONÇALVES DIAS, 78 — Teleph. 1968 N.

RO DE JANERO - BRASIL

Sciencia do Amor.....	1\$500
O filho milagroso. Contos galantes.....	1\$000
Sciencia em familia. Collecção de curiosas esperiencias no alcance de todos.....	2\$500
Amar, gosar, morrer. Romance realista de Max Bois. 2.ª edição.....	2\$000
Hygiene do Amor. Iniciação amorosa pelo Dr. Paulo Durand.....	2\$000
Um cabra perigoso. Contos singelos.....	2\$000
Mysterios da “Seita negra” ou os Dramas Secretos dos Conventos. por Max Dariol. Edição profusamente Illustrada.....	3\$000
A filha do peccado. Romance.....	1\$500
A dansarina de Pompeia. Romance de costumes antigos por Jean de Berthery.....	2\$000
Sensações, poesias de Regina de Alencar.....	3\$000
Romances Illustrados de Paulo de Kock a	1\$500

As ligas da noiva	A Filha perdida
Bella costureira	Amor e ciúme
O casamento forçado	Amor e ciúme

Collecção Garota a 200 rs.

Um passeio ao campo	Uma Aventura de Amor
A ceca de Cleopatra	O banho de Adelin

Grande sortimento de fasciculos do novella popular

Miss Boston — A unica mulher policia de todo o mundo, 400 rs cada folhetim com episodio completo.

Patrick Osborne — O rei da policia.

Aventuras extraordinaria d'um policoia secreta - Sherlock Holmes,

Novos mysterios de Paris, Toto Touinard, o bravo policoia francez.

Eva — Revista humoristica hespanhola, 500 rs.

Pelo correio mais 500 rs. sobre os preços marcados.

NOVIDADES POR TODOS OS VAPORES. — REVISTAS, JORNAES E ALBUNS PARA BORDADOS, LIVROS, ETC.

VENDE-SE NUMEROS ATRAZADOS D' «A MAÇA»

FIM
DE
ESTAÇÃO

CONTINUA
COM ENORME SUCESSO
A

GRANDE VENDA DE VESTIDOS MODELOS

PARA SENHORAS E SENHORITAS

A PREÇOS BARATÍSSIMOS NO

AO 1º BARATEIRO

AVENIDA RIO BRANCO, 100

EXPEDIENTE:

"A MAÇA"

Seminaro illustrado. — Director: Conſelheiro X. X. — Proprietario
Humberto de Campos. — Redacção: Rua SACHET, 28.

Estados:

Anno 25\$000
Semestre..... 15\$000
Numero avulso \$600

Capital:

Numero avulso \$500
" atrazado \$600

Exterior:

Porte simples

Anno..... 50\$000
Semestre..... 30\$000

Registrado

Anno..... 60\$000
Semestre..... 35\$000

Agentes para os Estados:

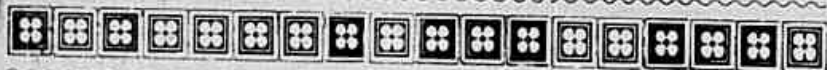
Livraria LEITE RIBEIRO. — Rua Bethencourt da Silva, ns. 15, 17 e 19

Tabel'a para Annuncios:

1 pagina..... 200\$000	1/8 pagina..... 35\$000
1/2 " 110\$000	Capa e duas côres.... 450\$000
1/4 " 60\$000	" " trez " 800\$000

Publicações no texto 5\$000 a linha, em corpo 7

Agente geral: RAUL DE ALMEIDA



Moeda allemã

Com a reabertura da temporada sportiva, começaram os palpites, as "torcidas", para formação dos "teams", nos clubs da 1ª divisão. E como o Fluminense se tenha tornado aquelle em que as mulheres mais influem, era geral a pena, entre ellas, com o possivel afastamento, este anno. de Marcos de Mendonça, o famoso "goal-keeper" carioca.

—Quem sabe se nós todas indo lá com um mimo e um discurso, elle não voltaria a jogar? — observava uma senhorita myope, jogadora de "tennis."

Foi por essa altura que o dr. Arnaldo Guinle interveio.

—Bem se vê que as mulheres não entendem de negocios!

E, rindo, com o trocadilho:

—Querem ganhar... comprando "marcos!..."

COMP. DE LOTERIAS NACIONAES DO BRASIL

Extracções publicas sob a fiscalização do Governo Federal, ás 2 1/2 e aos sabbados ás 3 horas.

RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 45

Hoje, 14 de Abril, As 3 horas da tarde

100:000\$000

POR 16\$000 EM DECIMOS

Os bilhetes para essas loterias acham-se á venda na séde da Companhia á Rua 1.º de Março, 88.

A assistencia aos tuberculosos

A Liga Brasileira contra a Tuberculose previne ao publico que o seu serviço especial de Assistencia Domiciliaria, instituido desde 1913 para visitar e tratar tuberculosos indigentes, continúa a funcionar regularmente em todas as freguezias urbanas do Districto Federal, tendo a sua séde á rua Senador Euzebio n. 238.

O enfermo que não póde frequentar os dispensarios da Liga é assistido em seu proprio domicilio recebendo gratuitamente, além dos soccorros medicos, ministrados por especialistas, os remedios necessarios e bem assim o leite de superior qualidade.

Um simples aviso dado pelo telephone (Norte 3930) nas horas do expediente (11 horas da manhã ás 2 da tarde), basta para a immediata satisfação do pedido de assistencia.

PESO NO ESTOMAGO?
INDIGESTÕES? NAUSEAS?
DYSPEPSIAS? AZIAS?
COLICAS? FIGADO?
INTESTINHOS?
PESO NA CABEÇA?
ANSIAS? ENJÓOS?
FALTA DE APETITE?
FLATULENCIAS?
ENXAQUECAS?
TONTREIRAS?...

USE O
DIGESTYL
EFFECTO SEGURO

CONSESSIONARIOS
S. FARIAS & CIA
RUA MAJOR AVILA, 67
DEPOSITARIOS
DRUG. RIBEIRO MENEZES & CIA
Rua Uruguayana, 91
DRUG. BAPTISTA
Rua dos Ourives, 30





Director: CONSELHEIRO X. X.

OS CONTOS DO CONSELHEIRO

A BORBOLETA



Terminada a cerimonia do casamento, e despedidos os convidados mais recalcitrantes, o coronel Benevenuto puxou o relógio de ouro do bolso do collete, examinando as horas:

— Sete e dez. O trem está contractado para as oito, e vocês não têm muito tempo a perder. O automovel levará meia hora d'aqui á Praia Formosa, de modo que devem sair daqui, ás sete e vinte, para chegar com antecedencia.

O aviso era bom, e prudente. Casados naquella tarde, o dr. Julio Angelo e Beatrisinha, filha do coronel, não tinham cabeça para aquelles calculos de momento. E se não fosse o velho, com a sua solidude, não teriam elles tomado o seu carro especial no trem das oito, e chegado em Petropolis, onde os esperava outro automovel, para levá-los á chacara das Hortencias, onde deviam passar a lua de mel.

A noite era de verão, e estava deliciosa. A serra parecia mais alta, e as estrellas mais baixas, como se tivessem descido para espiar, curiosas, o rosto risonho da noiva. E foi sob a doçura daquelle céu, acariciados pelo clima incomparável daquellas alturas, que Julio Angelo e a sua Beatrisinha dormiram, ou, melhor, se recolheram á alcova nupcial,

onde os beijos se cruzaram mais numerosos, e mais brilhantes, do que os vagalumes que enxameavam lá fóra, illuminando as môitas floridas.

A manhã seguinte, foi digna da noite que a precedera. O sol parecia ter sido arejado de novo pelos anjos, e derramava-se por tudo, em torno, num grande jorro de luz. As roseiras estavam derreadas de rosas, como se tivessem multiplicado a fecundidade para a doce gloria d'aquelle dia. E sobre as roseiras, acompanhando o balanço das rosas, centenas de borboletas bailavam, rodopiavam,

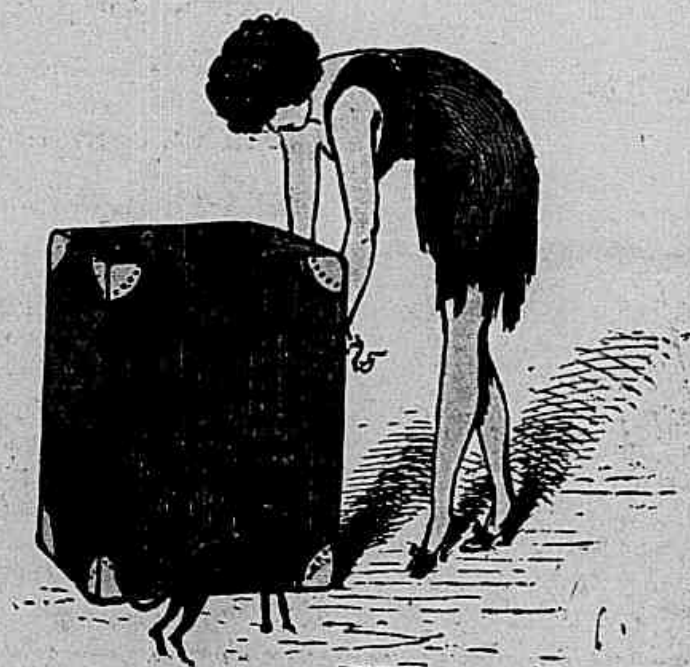
brancas, vermelhas, cinzentas, amarellas, como se o vento estivesse, num ataque de doidice, despetalando sacrilegamente os rosaes.

Eram quasi nove horas quando Julio Angelo abriu a janella que dava para o jardim, para gosar, com os pulmões e com os olhos, a gloria da manhã. E foi deslumbrado pela claridade forte que puxou para si o corpo fragil da virgem da vespera, que retocava, diante do espelho, o seu penteado singello, em que o cabello castanho descia de um lado e de outro sobre as orelhas pequenas.

— Que belleza! - fez a moça, juntando as mãos meúdas, num gesto infantil.

— Vamos dar uma volta pela chacara? - con-

FIM DE VERÃO



A descida da Serra



Segunda-feira

16 de Abril no

Cine-Palais

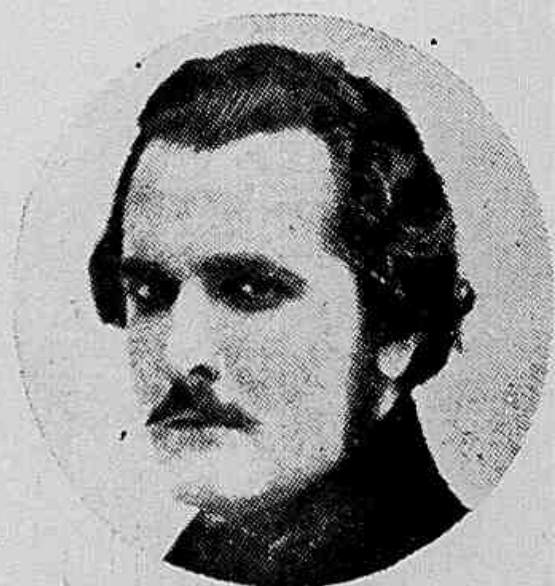
Início do sensacionalissimo
drama seriado do grande romancis-
ta EUGENE SUE

Mysterios

de Paris

apresentado em 12 semanas
consecutivas de Segunda ás Quartas
Feiras no

Cine-Palais



A maior variedade
preços minimos

CASA YORK

CAMISARIA

22|26 Assembléa

Esquina da Rua do Carmo

TOSSE--Bromil

GUARANT
TONICO SUPREMO
Magreza, velhice precoce, es-
pinhas de origem intestinal.
Base de genuino e concentra-
do guaraná - kola - cocca - ara-
nio-phosphatos, n6x vomica, etc.

Humoristas estrangeiros

A INIMIGA DOS LANCEIROS

Conto de THEODORO DE BANVILLE

— Não, Agenor, meu maridinho, tu não saberás nunca, na tua vida, como eu te sou fiel, sincera, dedicada!

— Jiz a linda Leontina Astiês, cuja cabelleira castanha, que se espalha sobre a alvura do travesseiro, faz coegas no nariz rubicundo do honrado fiscal do sello.

— A mim, — acrescenta a risonha creaturinha de olhos de ouro, — todo homem que não sejas tu, dá-me a impressão de um sapo, de uma cousa repugnante. Pode-se, por exemplo, amar um lanceiro, como fazem certas mulheres aqui da cidade? Ah! se um lanceiro livesse de beijar, sequer, a ponta da minha luva, mesmo depois que eu a houvesse tirado, eu preferia, acredita, que me fizessem em pedaços!

O rosto e os cabellos mil vezes beijados em signal de gratidão, Leontina levanta-se, e passa o «peignoir». Enquanto isso, Agenor, estendido no leito, não se cansa de repetir:

— Ah! que ventura ter uma mulhersinha tão fiel!... Como é bom!...

De repente, porém, essa exclamação já não basta a felicidade tamanha. A sua alegria, o seu contentamento, reclamam expressões mais vivas, mais altas, dos seus sentimentos intimos: põe-se de pé no leito, e, no seu extase, no seu delirio, dançando e pulando, põe-se a cantar a aria dos «Lampeões»:

— «Tão fiel! tão fiel! tão fiel!»

Com a violencia, porém, da sua choreographia, despenca, de cima, o docel do cortinado, que estava preso ao fôrro, fazendo desabar sobre o bailarino uma nuvem de poeira, e, de mistura com esta, a semelhança de uma revoada de borboletas e passaros loucos, ou um branco turbilhão de neve furiosa, dezenas, centenas, milhares de cartas empacotadas ou soltas, que Leontina alli guardava, para melher as esconder do marido.

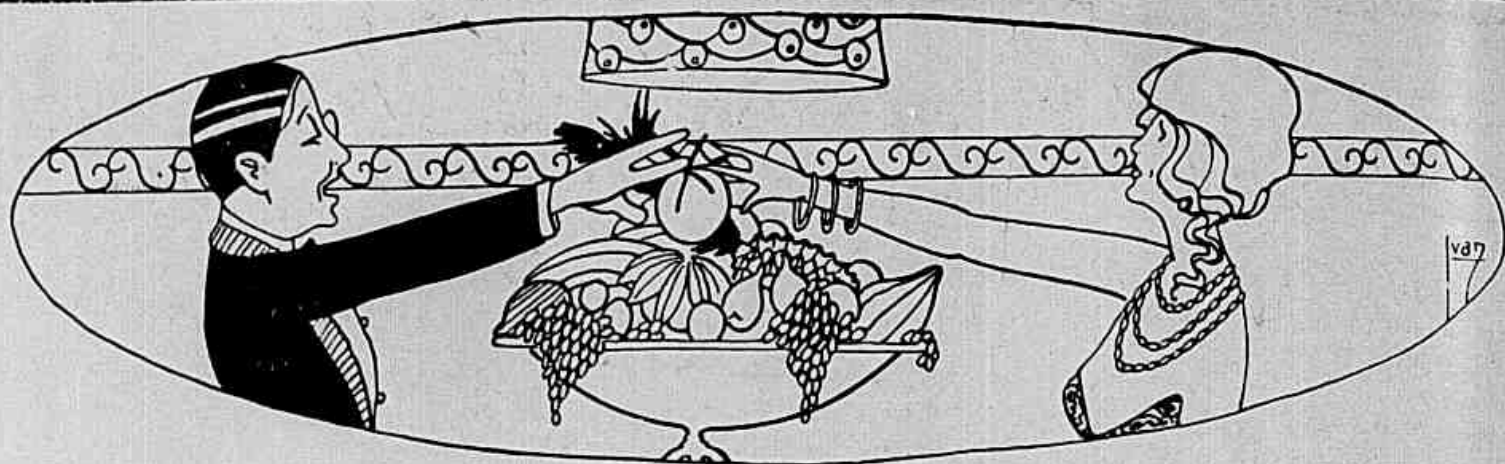
Astiês abre uma, duas, tres, dez, vinhe. São, todas, de lanceiros, soldados da guarnição, que chamam sua mulher — «minha galinha», «meu bichinho». Ella ama os lanceiros, só os lanceiros, todos os lanceiros! No rosto e no olhar do fiscal do sello estampa-se, de repente, a pallidez horrivel da morte. Um suor frio desce-lhe pelo corpo. E elle tomba, desfallecido, apertando as cartas, como se livesse o coração atravessado

pelas lanças de todos os lanceiros, que designavam sua mulher por aquelles diminutivos que só apparecem com o testemunho do travesseiro e da colcha!

Que elle comprehende, o desgraçado, no seu ultimo pensamento, que ella só é fiel, na vida, á mais desbragada infidelidade!

Theodoro de Banville





O TUMULO DE CYRO

Adaptação de BATU ALLAH

No gracioso «boudoir» de Julia Berredo, estirada cada uma no seu divan, a dona daquelle

ninho de amor conversava com a sua amiga mais íntima, a encantadora Maria Irene, quando aquella, a proposito de um «potin» malicioso, indagou:

— Não conheces a historia de Cyro?

— O Cyro Fernandes?

— Não, filha; Cyro, rei dos persas.

E começou:

— Quando Cyro morreu, os seus subditos ergueram-lhe um tumulo, no interior do qual cabia apenas um visitante. Sendo mister, porém, que o corpo

do monarcha não ficasse, jámai, sosinho, resolveram os seus subditos que, toda a vez que sahisse de lá um visitante, entrasse, logo, o outro. E assim aconteceu, dia e noite, durante seculos.

Olhos interrogativos, Maria Irene fitava a amiga, sem comprehender bem. E olhava-a ainda, quando Julia, num sorriso, levantou a ponta do mysterio:

— Pois, menina, ha mulheres assim...

E numa gargalhada:

— Sae um, entra outro!

Batú Allah



vidou o rapaz.

Oblido o consentimento, que foi um beijo, desceram os dois ao jardim, de onde se devisava o mais soberbo dos panoramas. Ao longe, no valle, o Diabanha rasgava nas pedras o seu manto escuro, deixando na ponta dos rochedos o retalho fervilhante das rendas. Mais longe ainda, eram as montanhas, os cabeços mais altos, em que as plantações punham quadrados mais claros, de vegetação espaçada e recente.

Braço no braço, rosto no rosto, olhavam os dois a p isagem deslumbrante, quando o rapaz deu com os olhos numa borboleta maior que as outras, que acabava de pousar sobre nma rosa.

— Linda! — exclamou Beatrizinha, num entusiasmo de creança.

E ia atirar-se na perseguição do insecto, quando o marido a deteve, indo, elle proprio, apanhar-a com a cautella requerida. E um minuto depois apresentava á alegria sorridente da moça, entre o pollegar e o indicador, preso pelas azas que se espedaçavam, o mimoso lepidoptero dezejado. Temendo que o bicho continuasse a debater-se nas suas mãos, Julio Angelo pediu á noiva:

— Tens um allinete?

A moça tirou da blusa um allinete grande, entregando-o ao rapaz, que atravessou, com elle, de meio a meio, a pobre borboleta, cravando-a, enquanto ella se debatia, no tronco de uma palmeira que havia perto. E admiravam, os dois, a belleza daquellas azas, a delicadeza daquellas tintas, a graça daquella joia da natureza, em que os movimentos da vida, paralyzados pela selvageria do homem, se tornavam cada vez tenues, mais espaçados, quando Julio Angelo observou:

— Estás vendo? E' por isso que dizem que a borboleta é a imagem da mulher!

— Oh, Julio!... — fez a moça, enrubecendo, e escondendo o rosto no hombro do companheiro.

— Sim, — continuou este, sem perceber a malicia feminina, — diz-se isso, porque acham que as borboletas são volueis como as mulheres, voando de flor em flor como aquellas vôm de coração em coração.

— Ahn! — tornou a noiva, mais tranquilla.

E, rindo, ainda mais vermelha, afundando o rostinho garoto, de menina, no peito forte do rapaz:

— Eu pensava que era por causa do esqueleto!

E abraçou-se com o marido, nervosa.

X. X.

ODORANS

Dentifricio medicinal, o unico que evita a carie e o mau halito

Uma experiencia custa apenas :

Liquido : 2\$500

Pasta : 2\$500

A venda em toda parte — Em São Paulo : Casa Lebre — Atacado : Casa Hermann, Rio

ARISTOCRACIA MUNDANA

CYPRIANO LAGE

O nome de Firmino Rodrigues velho senador do Imperio que tanto fez pela prosperidade de Minas, teve em Francisco Bernardino Rodrigues Silva um digno herdeiro e continuador. Advogado de vasto saber e politico de largo prestigio, a sua influencia, em toda a zona de Juiz de Fora, foi das mais preciosas, tendo a sua morte enlutado, pode-se dizer, toda a familia mineira.

Filho de Francisco Bernardino e neto de Firmino Rodrigues, nasceu Cypriano Lage na cidade de Juiz de Fora no anno da graça de 1885.

Fragil de corpo, não tinha, ao nas-

cer, mais de 2800 grammas. Isso não impediu, entretanto, que, ao segurar na mamadeira, applicasse a borracha á bocca, e o orificio ao ouvido, como se faz, em geral, aos telephones de cabeceira.

Creado com desvelo, Cypriano Lage teve a infancia das creanças de saúde precaria, mas em quem a familia deposita, como numa previsão do seu destino, toda a sua esperança. Mettido num collegio local, arranhou tantas incompatibilidades com os companheiros de classe, que a professora o chamou, um dia, á ordem, determinando:

— Senhor Cypriano, de hoje em diante o senhor vae sentar-se acolá, entre as meninas!

Essa resolução da preceptora teve, como facilmente se imagina, uma influencia descisiva na vida do menino. Fructo bemdicto, entre as mulheres, era tamanho o prazer que sentia naquelle ambiente, no convívio d'aquellas carinhas rosadas, olhando o vae e vem das pernas femininar sob os bancos da aula, que preferiu sahir do Collegio, e ir procurar outra escola, a voltar, alli, á companhia desagradavel dos rapazes.

Relacionado com todas as familias de Juiz de Fora, passou o filho de Francisco Bernardino a mocidade a tentar as lindas transeuntes da rua Haffeld, e a auxiliar o pae, nas suas campanhas politicas. Mandado para o Rio, a estudar Direito, arranhou o canudo, mourejou na imprensa, tornando á cidade natal. E encaminhava-se, como herdeiro dos seus antepassados, para a deputação federal, quando passou por Juiz de Fora uma companhia de comedias, de que faziam parte algumas «estrellas» do Rio.

A semelhança do que sempre acontece nas cidades do interior, as artistas suscitaram contendas, determinando a criação de partidos. Director de um jornal que elle proprio fundara Cypriano en-

thusiasmou-se por uma das facções, lutando, como um cavalleiro medieval, pe'as cores da sua dama. E quando a companhia deixou Juiz de Fora, tal foi a monotonia da cidade que Cypriano abandonou a Manchester brasileira, tocando-se, tambem, para o Rio, onde contava combater, de novo, pela sua Dulcinéa del Tobo.

Uma vez aqui, o moço respirou, com força. Positivamente, aqui é que era o seu campo de acção. Simpatico, gentil, maneiroso, com um tacto especial para agradar as damas, tornou-se, em breve, intimo das mais illustres senhoras da cidade. Amigo de todos os

jornalistas, enfeixava nas mãos o elogio ou a censura, nas folhas mais diversas. Bastava o seu interesse por esta artista de palco ou por aquella figura de salão, para que a imprensa unanime, no dia seguinte, se transformasse numa verdadeira polyanthéa. Saudoso do jornalismo, voltou a elle, na «A Rua», instituindo alli uma sessão mundana, «Os de hontem», que fez successo, no tempo. Em seguida, passou a secretario, e a director, deixando por todo o jornal o traço maneiroso, e singularmente galante, de homem da sociedade.

Funcionario do governo, passou dois annos na Europa. Attingido, de volta, pela disponibilidade rendosa, conformou-se com ella, e poz-se a fazer Avenida. «Causeur» encantador, conhecendo todos os «potins» da capital e suburbios, lembrou-se da mamadeira dos seus tempos de infancia, e viu que o telephone a substitua com vantagem. Relacionadissimo, tomou uma verdadeira paixão pelo phone. E assim era que não sahia do seu quarto de hotel, onde os numeros subiam, como baratas, pela parede, sem ter falado, da cama, com uma duzia de senhoras, das mais lindas e mundanas, que lhe davam dezenas de noticias de todos os escandalinhos da vespera.

No meio de tudo isso, porém, ficou Cypriano Lage, politicamente, um mineiro da velha tempera, como o pae e como o avô. O Rio era lugar de goso, o paraíso da futilidade. Ficasse, porém, em fócco a politica mineira, e renascia nelle o filho de Francisco Bernardino, prompto a esquecer todas as mulheres do mundo em proveito da hegemonia de Minas na politica nacional.

A ultima campanha presidencial foi uma prova d'essa verdade. Bastou que estivesse em lucta um mineiro, para que elle se atirasse á arena, batendo-se por elle. E todos os jornalistas sabem o que foi o trabalho persistente, habil, intelligente, de Cypriano Lage, para impedir que os seus amigos se manifestassem, sacrificando-se, contra a candidatura Bernardes!

Victoriosa esta, Cypriano, que foi dos seus melhores advogados, podia ter pedido uma cadeira na Camara, por onde passaram o pae e o avô. Não pediu nada. Pediu apenas a honra de ir conversar, das duas ás cinco, hora do chá, com o general Setembrino, e isto mesmo — diz elle, — por que o general é, além de um bravo soldado, um homem de fino espirito...

Brummel



ARISTOCRACIA MUNDANA



S. A. O PRINCIPE CYPRIANO

O TEMPORAL

Conto do Almirante J. RIBAS

A' medida que se passavam os dias, ia dona Lourencinha ficando mais nervosa, mais afflicta, mais inquieta. Ha um anno que o sr. Balduino cahira naquella apathia, naquelle desinteresse pelos seus encantos, e como não se julgasse de tolo inappetecivel, ficava a pobre senhora a torturar-se com aquella triste situação do marido.

O phenomeno era, entretanto, um facto natural. Com quarenta annos de idade, casara-se Dona Lourencinha com um homem mais velho do que ella quasi vinte. Era de esperar, pois, que o marido já estivesse quasi gelado, quando a esposa não havia começado, sequer, a esfriar.

Desolada, assim, com a sua condição, amaldiçoava a virtuosa senhora o seu destino, que lhe dera um esposo sem energia, sem força, sem vontade, quando, uma tarde, o céu começou a cobrir-se de naves escuras, annunciando um temporal. A atmosphera abafava, como um forno. E Dona Lourencinha pensava na vida e no mundo, quando a tempestade cahiu, precedida de uma ventania formidavel. Sacodidas pelo sopro do vento, as portas e as janellas batiam, com violencia. As cortinas pannejavam como velas, ao mesmo tempo que os papeis voavam de cima dos moveis, arrastados no turbilhão.

Fôra, no quintal, o vento fazia estragos maiores. Folhas de zinco fôram atiradas longe, enquanto a poeira,

revolvida no solo, erguia-se rodopiando. Peças de roupa que estavam no coradouro, subiram como papagaios de papel, enquanto a lavadeira corria para dentro de casa, segurando com as mãos a saia de cinta azul, que a ventania procurava levantar.

— Nossa Senhora! — gritou a rapariga, enveredando pela cosinha.

E agarrando as suas, com mais força:

— Esta ventania levanta tudo!...

A essas vozes, Dona Lourencinha, que estava no quarto de costuras, chegou á cosinha, indagando:

— Que é, Domingas?

— Nada, Dona Rencinha. E' esta ventania que está levantando tudo, no quintal!

Um raio de esperança cortou o cerebro da pobre senhora abandonada. E foi animada por elle, que Dona Lourencinha gritou, para cima:

— Bené?

— Que é? — respondeu o marido.

E ella:

— Vem ficar na ventania um pouquinho, filho! Talvez te jaca bem!

Fôra, o temporal continuava, levantando tudo...

Almirante Justino Ribas

VIDA DE ARMAS



O «coronel», no seu «posto»...

AS CINTURAS BAIXAS

Por
SOUZA KALDAS

As modas, no seu capricho vario, sempre trouxeram as mulheres atordadas. A propria Eva, no Paraíso, já se preocupava com os seus cuidados de «toilette», ora collocando a folha de pereira mais em cima, ou mais em baixo, ora á esquerda, ora á direita, ora (vertical, ora de lado. E como o espirito feminino varia, mas não se modifica na sua essencia, dia chegou, ha mais ou menos um anno, em que as mulheres perderam a noção do lugar em que ficava a cintura, a qual cahiu, (como o cambio, a 5 1/4, depois de ter estado, com o vestido, a 27, acima da cotação normal.

Collocada tão por baixo, a cintura feminina navia de, naturalmente, prejudicar a algum corrector da «bolsa». E a victima, desta vez, foi o Arantes Ramos, rapaz mais grave do que um ataque de grippa, e cujo unico defeito era, mesmo, a serieidade com que levava a triste comedia da vida.

Convidado para um chá dançante na casa das Ferreira, tirara o rapaz, para um «fox-trot», mlle. Isaura,

a mais velha das moças da familia, por lhe parecer, mesmo, a de maior circumspecção. E não se enganara, pois que, ao dar-lhe o braço, a rapariga foi, logo, pedindo:

— Eu vou solicitar um obsequio ao senhor. Ha rapazes que, quando dançam, põem a mão nas espaldas da moça. E' um abaso. Um homem educado, quando dança, deve pôr a mão, sempre, na cintura do seu par.

Polido e serio, Arantes Ramos procurou, com a mão, a cintura do vestido da rapariga, mantendo ali, durante a dança, os seus dedos fortes, de homem robusto. Isso não obsteu, porém, que, ao terminar o «fox-trot» enquanto mlle. Isaura lhe agradecia o cavalheirismo, o velho Ferreira o mandasse chamar á sala de espera, para dizer-lhe indignado:

— Ponha-se immediatamente no chão da rua, «seu cachorro!

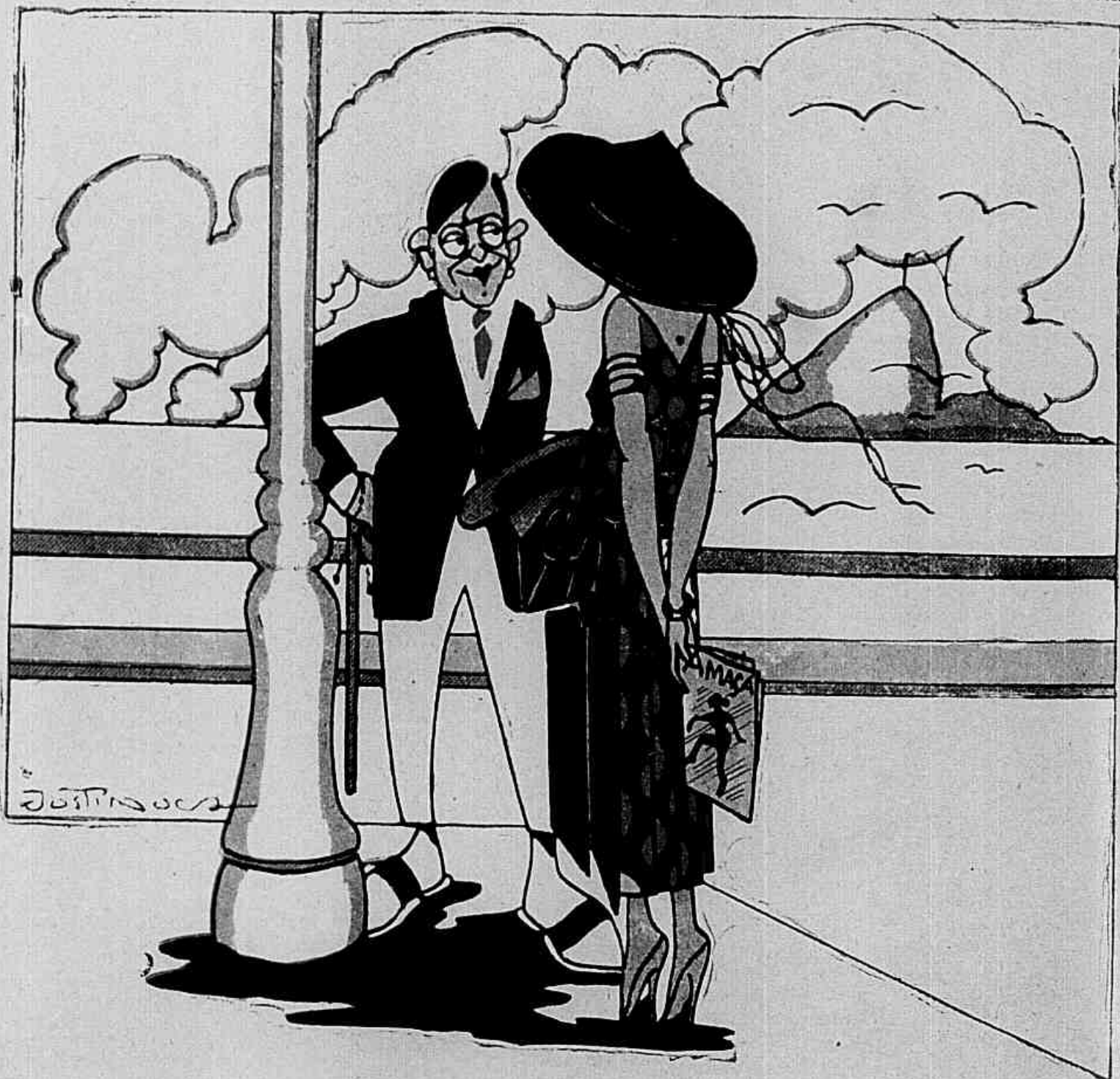
E entregando-lhe a bengala, o sobretudo, o chapéo:

— Isto aqui é uma casa de familia! Ouviu?

De Souza Kaldas

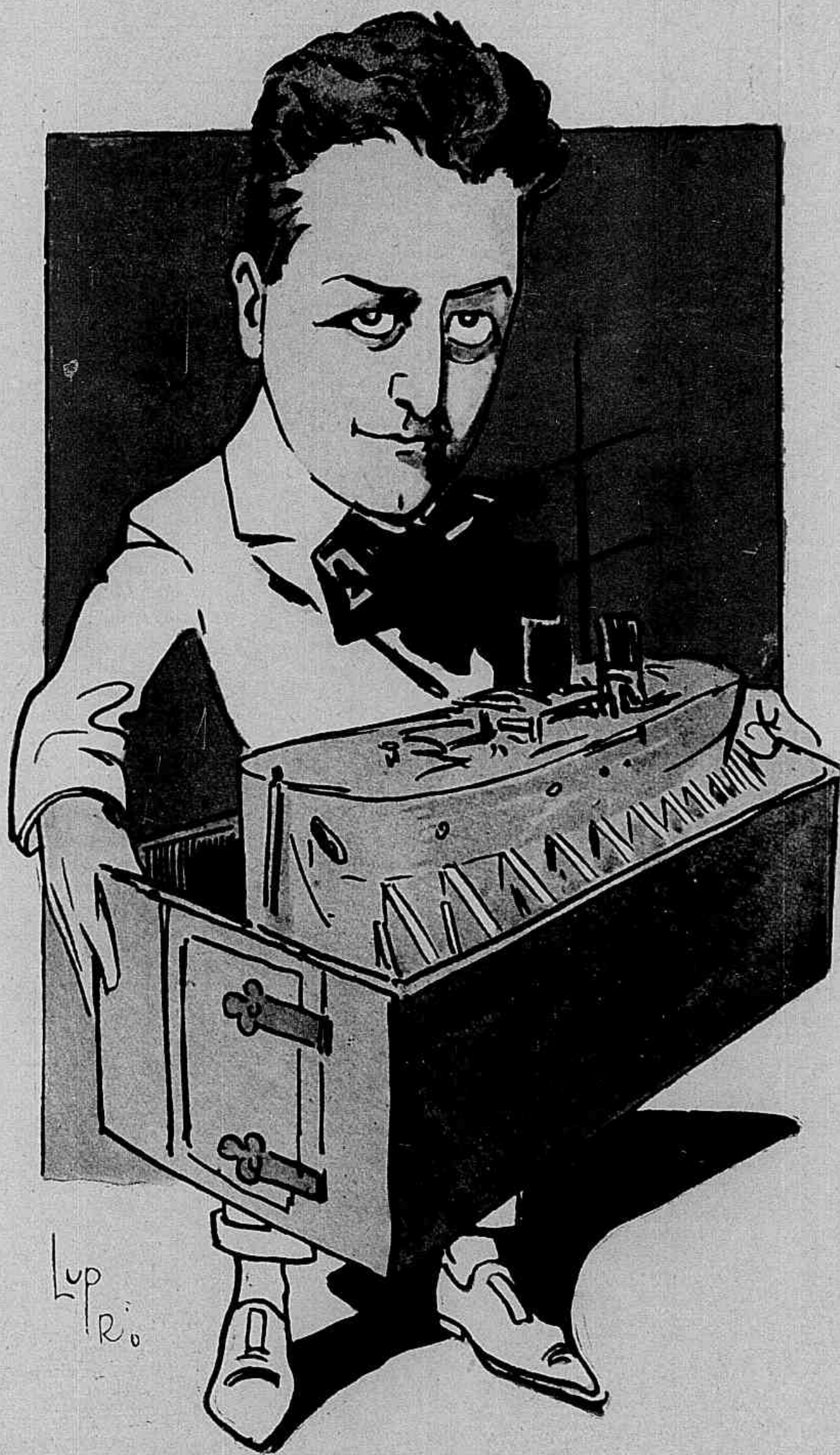
A VIDA NA HESPANHA

“Um duro vale 940 rs. portuguezes” — Dicc. de Auletta



- Para mim, José, o paiz que melhor remunera o trabalho é a Hespanha,
- ?
- Uma dactylographa ganha dois duros por dia!

CAPITALISTAS DE ALTO-BORDO



HENRIQUE LAGE

CAPITALISTAS DE ALTO BORDO

HENRIQUE LAGE



Em 1840, mais ou menos, chegou ao Rio, vindo do sul de Minas, um ancião, que havia feito alguma fortuna no commercio de galo. Tinha dois filhos, já homens, e, como quizesse encarreirar-os na vida, procurou a Corte, a futura cidade imperial d'aquelles tempos,

na qual havia, já, o arremedo de algumas industrias lucrativas. Logo á chegada, o velho, que pertencia á tradicional familia dos Ferreira Lage, contractou com o governo a construcção de um caes, na ilha das Enxadas. Como não houvesse pedra na ilha, comprou o contractante a ilha do Vianna, para tirar d'ahi o material. Fallecido o velho mineiro, os filhos fundaram, na ilha adquirida, um pequeno estaleiro, para concerto de pequenas embarcações. E foi ahi, ao ruido dos martellos nas taboas dos pequenos barcos de outr'ora, que cresceu Antonio Martins Lage, o trabalhador formidavel, e tão rico de iniciativas, que havia de exercer influencia d'ão decisiva, tão efficiente, tão segura, na vida economica e industrial do Brasil.

A' semelhança do pae, que recebera dos seus maiores a recommendação de que vivesse sempre unido aos irmãos, Martins Lage não só continuou, elle proprio, a tradição da familia, como creou os filhos no mesmo regimen, e sob o mesmo pensamento. Elle sabia, pelas lições do avô e do pae, que as grandes industrias dependem de grandes capitais, e que o maior inimigo da prosperidade é a continua subdivisão das heranças. Por isso recommendava, sempre, áquelles que nasceram do seu sangue:

— Trabalhem, sempre, juntos. Amparem-se reciprocamente. E como o velho do apologo:

— Nesta ilha, que eu deixo a vocês, ha um thesouro enterrado!

O thesouro a que o velho Lage alludia já estava, porém, quasi todo, de fóra. Em 1892, com a nacionalização da cabotagem, lançou elle as bases de uma companhia de navegação costeira, com os dois primeiros vapores. Pouco a pouco, a empresa foi prosperando, crescendo, desenvolvendo-se. Abençoado o seu lar pelo céu, teve cinco filhos varões, que ia mandando, ainda meninos, para a Suíça,

a enrijar o corpo e a identificar-se com a civilização. Attingidos os dezesete annos, tirava-os da quietude dos collegios, e atirava-os no turbilhão da vida americana, nas usinas, nas fabricas, nos estaleiros dos Estados Unidos. E quando os via arrebatados pela vertigem do trabalho, chamava-os para o Brasil, aos vinte e dois ou vinte e tres annos, dando-lhes um logar ao seu lado, na administração das empresas em que se distribuia, já, a sua enorme fortuna. Foi essa a trajectoria que desenvolveram, até chegarem ao Rio, Antonio, Jorge, Renaud e Henrique Lage, tendo Frederico, o mais moço, ficado nos Estados Unidos, onde

chefia, hoje, uma grande casa bancaria de Nova-York.

Quando Henrique Lage chegou ao Rio de Janeiro, em 1904, andava pelos vinte e tres annos, e já encontrou, aqui, ao lado do pae, os outros irmãos. Por esse tempo, a ilha do Vianna estava, já, transformada em grande estaleiro, montado por Antonio, Jorge e Renaud, de accordo com os mais adeantados processos americanos. A Costeira, dominando todo o littoral do sul, não era mais uma flotilha: era uma frota. Antonio Lage, o velho, radiava de felicidade. Havia realizado o seu sonho, fazendo continuar na sua prole o sonho do seu avô e do seu pae. Os filhos unidos e amigos, tinham a volupia do trabalho, descobrindo, neste, o thesouro enterrado. E foi feliz, em paz com a sua consciencia, e satisfeito com o seu destino, que fechou, para sempre, os olhos, cercado de todos os seus, em 1913.

O desaparecimento do tronco não separou, entretanto, os galhos que d'elle nasceram. As rivalidades fraternas, que apparecem, geralmente, na divisão das grandes fortunas, não attingiram os Lage: reunidos em torno ao corpo do pae, juraram, todos, continuar-lhe a obra colossal, unidos e amigos como dantes, presididos, do alto, pelo seu espirito, ligados pelo sentimento da mesma saudade, e guiados na terra, como por um evangelho, pelos sabios conselhos de perseverança, de união, de fé no trabalho e de amor á patria, que o grande morto lhes deixara, ao fechar os olhos quasi apagados. E trabalhavam unidos, multiplicando a actividade e o capital, quando a grippe de 1918 arrebatou, quasi no mesmo dia, os dois irmãos mais velhos, Jorge e Antonio, cujos herdeiros foram immediatamente reembolsados, ficando a empresa, ou antes, o conjuncto de empresas, a cargo, apenas, de Henrique e Renaud.

Desapparecido o Antonio, ou antes, o Antonico Lage, que presidia as empresas, ficou assentado, entre os dois sobreviventes, que Henrique tomasse a seu cargo a parte moral dos negocios, assumindo Renaud a direcção technica de todos elles. E tal tem sido a harmonia dessa orientação, que estes não tiveram a menor solução de continuidade, desdobrando-se, pelo contrario, dia a dia, numa actividade verdadeiramente assombrosa.

Hoje, é Henrique Lage, com quarenta e um annos de idade, presidente da Costeira, das minas de Carvão de Santa Catharina, do Lloyd Sul-Americano, do Lloyd Industrial, da Companhia de Construcções Hydraulicas, de uma infinidade de empresas que o absorvem, numa febre desesperada de trabalho. Está enfeixada nas suas mãos, pode-se dizer, a maior fortuna individual do Brasil. Pois Henrique Lage, e Renaud, têm, os dois, apenas, a bagatella de duzentos e oitenta mil contos...

Roque Féller



ANTHOLOGIA GALANTE

VOLUPTUOSAS

(Pagina do "MUNDANISMOS")

No rêz-do-chão de um palacete, coadadas as luzes do sol por arrendados stores pallidos, HELENA fazia somni a hora da sesta quando MARIA ANGELICA a surpreheendeu adormecida.

A recémvinda impregnou o ambiente de essencia de iris, enquanto uma voluptuosidade enervante empurpurava a linda cabeça desmaiada de HELENA...

Um beijo sobre os labios da desacordada mulher, fel-a despertar com um fremito de prazer...

— Ha sonhos que se não deveriam acabar. E não sentes calor, Maria Angelica?

— Algum.

— Neste caso...

— Que fazes?

— Dispo-me. Não me imitas?

— Póde ser. Passarei a tarde contigo...

— Despe-te, pois... Tira o casaco... Desaffoga o collo desta góla assoberbante... N. tens geito?... Chega, que te libertarei...

— Tira os alfinetes.

— Usas um bom pó de arroz, Angelica.

— Ui! Helena!

— Que foi assim, ardilosa?

— Espetaste-me as carnes...

— Tambem é uma ruma de alfinetes...

— E' para segurar bem.

— Tens uma pellugem de arminho...

— Ai!... Assim não... não...

— Que tens, rapariga?

— Beijas-me, Helena, com uns labios quentes e gulosos... Só me deste vontade de...

— Ui!... ui!... ui!... Fazes-me um «frisson» de arrepiar-me os pellos...

— E' para vingar o teu beijo...

— Porque me olhas assim, Angelica?

— E's de uma alvura surprehendente, minha amiga. De teu corpo rescende um perfume originalissimo que me entontece...

— Aprendi a perfumar-me com as gregas. Li num livro que uma beldade se cobria de perfumes para agradar aos amantes. Eu o faço para attrahir as amigas como tu... Uma grega banhava as pernas numa bacia de prata em que se confundiam os aromas do nardo

de Tharsos e do metópyon do Aigypse. Nas axillas attritava mentho e sobre as pestanas, e nas palpebras marjolana de kôs. Ao depois, a escrava defumava-lhe os cabellos desennatrados com espiraes de incenso, que combinava admiravelmente não só com a essencia de rosas de Phasêlis que lhe embalsamava a nuca e as faces, como tambem a b kkaris que se lhe derramava sobre os rins. E, por fim, entre os seios, corria o celebre oinanthê das montanhas de Chypre... Sei perfumar-me

Maria Angelica...

— Bem se lhe pareciam as gregas, tuas mestras...

— Entre os meus seios, inda ha pouco deixei correr um fio languido do irresistive Royal-Begonia, e nas axillas puz algodões embebidos na essencia de rosas... Nos meus cabellos derramei oleos de sandalo, para contrastar com as evoluções das essencias de iasmins que perfumam as minhas vestias...

— E na posse de tudo isto praticas uma má acção, Helena!

— Qual?

— Essa de referires tantos perfumes e não me dares nenhum a provar... E's avarenta, como ninguém, e eu cobiçosa de gozar...

— Vai ao meu toucador e gasta do que quizeres...

— Teria graça!

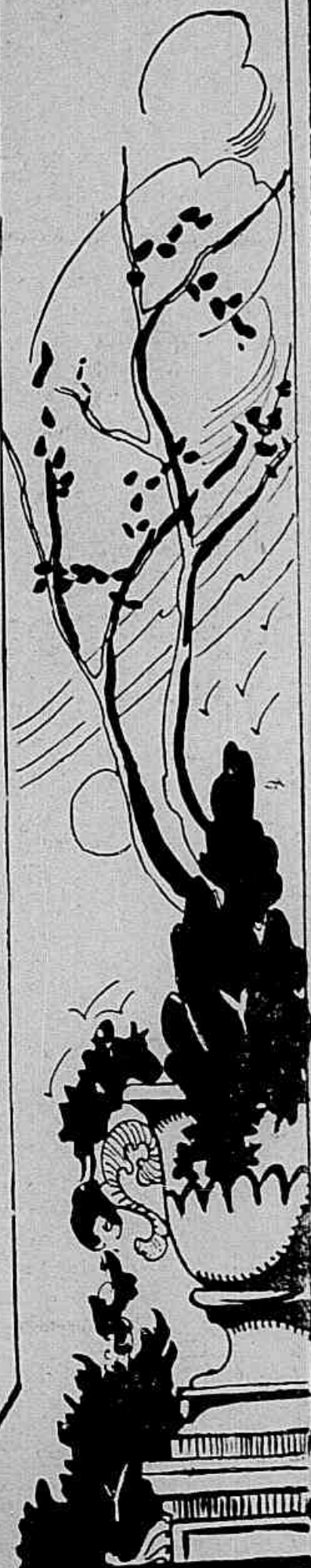
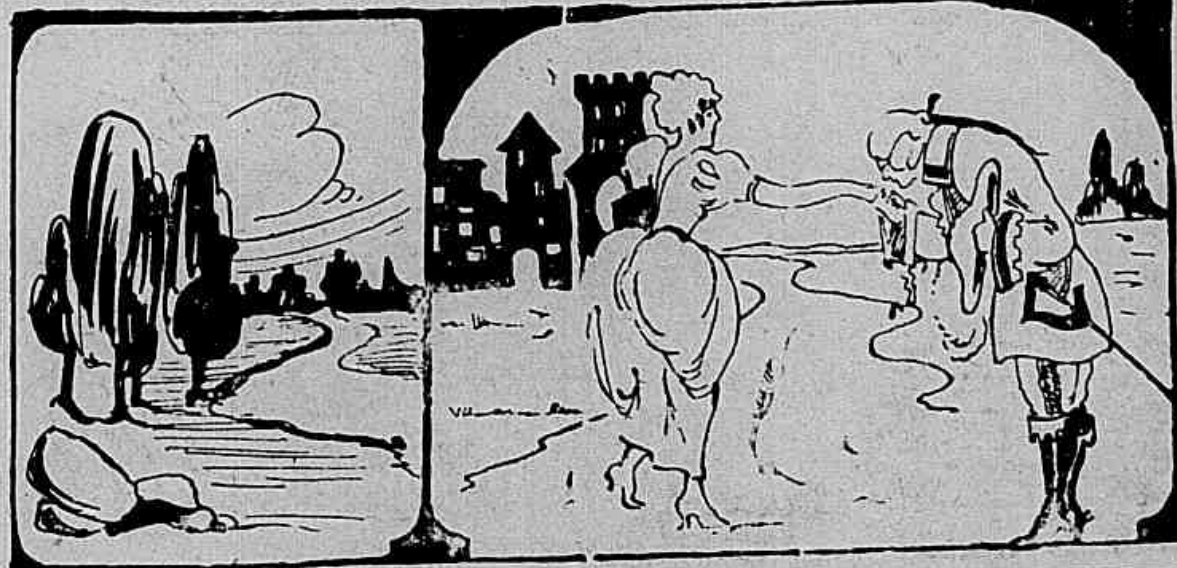
— Porque assim?

— Gosto das flores nos vegetaes, das essencias nos corpos das mulheres. Quero experimentar com o olfacto o odor unico que se desprende das tuas carnes...

— Tens desejos masculinos, minha queridinha!

— E é o que me faz lamentar-me: junto de uma graça não ser um Adonis, junto de uma Helena não ser cupido... Se eu pudesse embriagar-me com os teus perfumes e desmaiar de prazer entre os teus prazeres, seria mais feliz do que Syrix, louca de paixão, Byblis, unica na insaciabilidade, ou Mnasiidika, macia como um velludo... Helena, tu és uma perfeição...

Almachio Diniz



Espirito de contradicção

CONTO DE JOHN BACKOW

Apezar de não ser casado, e de não haver noticia de que vivesse maritalmente com alguma comadre, o padre Manuel Bernardes sabia que era impossivel, em absoluto, vida domestica sem discussões. Por isso mesmo, elle recommendava muita resignação aos casados, fazendo-lhes ver que, se um individuo anda, às vezes, desgostoso consigo mesmo, como é que, sendo dois, não ande um em desaccordo com o outro?

As brigas, as discussões, as rusgas de marido e mulher, chegam a ser, mesmo, uma necessidade do matrimonio. Assim como as tempestades limpam o céu, renovando e purificando a atmospheria, as questiunculas nos casaes tornam, depois de passadas, a vida mais doce, e os corações mais apaixonados. O que é preciso é que, nesses momentos, marido e mulher não se excedam em palavras e offensas, e que os torneios não sejam frequentes, de modo a fatigar os contendores.

O casal Rodrigues Baptista exaggerava, infelizmente, as contendas que levantava no lar. Unidos em uma sexta-feira de Agosto na matiz da Boa-Vista, em Pernambuco, soffiam elles as consequencias d'essa fatalidade, que a superstição justificava. O primeiro anno de casamento, havia sido de paz, de socogo, de tranquillidade relativa. Nascido, porém, o primeiro filho, foi como se tivesse sahido com elle, do coração, toda a consideração que a moça votava ao marido. Bastava que o rapaz quizesse uma cousa, para que ella quizesse outra. Affirmasse elle que era dia e que estava chovendo, para que a desabusada senhora protestasse, as mãos na cintura:

— Tu não estás vendo, Bernardo, que é noite fechada, e que o sol está tinindo no céu?

Não obstante isso, ou por isso mesmo, Dona Bibi era virtuosa, sincera, leal ao companheiro. Em materia de honestidade, era incapaz de aventurar um olhar, que fosse, para outro homem. Quem sabe, porém, se ella não fazia isso por teimosia e por

estar certa de que o marido pedia a Deus, mutuamente, que apparecesse um maluco, que a levasse?

A mais grave das discussões d'aquelle casal de gato e cachorro foi, porém, a que se travou certo dia, a proposito da resolução, que tomara o Rodrigues, de ser membro da Associação dos Empregados no Commercio. Homem de negocios, achara o rapaz que isso lhe traria vantagem, e communicara a deliberação á esposa.

— Socio de Associação?... P'ra quê?

E como o rapaz lhe explicasse as vantagens:

— Ora, homem! não me queiras fazer de tola! O que tu queres é um pretexto para ficar na rua, até tarde da noite.

E, resoluta:

— Não, senhor. Tem que ser sócio é de sua casa, é que é!

Ante essa teimosia, o Rodrigues protestou:

— Oh, Bibi! que cabeça dura tem você!...

— Cabeça dura?... Eu? — voltou a esposa, vermelha, os olhos congestionados, o dedo ameaçador. — Mais dura é a sua; ouviu?

E plantando-se diante d'elle:

— Cabeça dura é a sua, não seja tolo!

A essas vozes, Bernardo Rodrigues Baptista baixou os olhos. E foi de olhos baixos, humilde, mas vencedor, que gemeu, corajoso:

— Veja só como você é contradictoria! De dia diz que eu tenho a cabeça dura...

— ?...

— E de noite diz o contrario!...

John Backow



A "FELICIDADE" DOS DOIS...

CONTO DE
J. PRUÊTA

Quando se fala em commendador, imagina-se logo um individuo gordo, desfigurado pela obsidade, e cuja papada se derrama, vasta e molle, sobre a alvura do collarinho. Antonio Antunes de Azevedo contrariava a regra: era de estatura mediana, bigode aparado, olhos vivos, e com uma bocca de moça, em que brilhavam duas fileiras de dentes perfeitos. Andava pelos quarenta annos, parecia ter trinta, e só se tornava digno da commenda pela solidez da sua fortuna, que lhe permittira contribuir com cincoenta contos

para as obras da Cathedral.

Com titulo ou sem titulo, com fortuna ou sem ella, o certo era que Antunes de Azevedo agradava ás mulheres, para o coração das quaes sempre encontrava uma chave. Taes eram, mesmo, as facilidades que achava nas suas conquistas, que, quando se tratava de casamento, vinham logo, á sua imaginação, aquelles raciocínios:

— Caçar-me, eu?... Para quê? Si eu, solteiro, tenho as mulheres que dezejo, para que ir entregar, espontaneamente, os pulsos ao captivo?

E, intimamente consigo mesmo:

— Enquanto eu fôr solteiro, posso estar certo de que não sou enganado por nenhuma. Casado, seria fatal. Porque as mulheres são como os homens. Si eu gosto de variar, procurando o prazer aqui e allí, por que não havia de acontecer o mesmo com a mulher com quem me casasse? Isto é humano

é da essencia da vida, e o melhor que tenho a fazer é ficar como estou. Neste mundo, é melhor ser carrasco do que victima!

A's vezes, vinha-lhe a idéa de que havia, tambem, mulheres incorruptiveis, creaturas inconquistaveis, resistentes a toda sorte de seducções. E quando pensava nisso, aocudia-lhe, logo, ao pensamento, a figura magestosa, grave, de belleza antiga, de Dona Felicidade, esposa do Oscar de Miranda, seu amigo dos vellos tempos e cuja casa era, pelo conjuncto, mais um santuario do que um lar.

— Quem sabe, porém, si ella ainda não caiu unicamente por falta de uma tentativa da minha parte?

E resolutio:

— Vou experimentar!

Conquistador habilissimo, começou Antunes de Azevedo por tentar os primeiros reconhecimentos, de accordo com aquillo que elle chamava, cynicamente, o «seu methodo». Este consistia em olhar detidamente a futura victima, com olhos enamorados, á semelhança do sapo, quando hypnotisa a cobra. Nessas occasiões, os seus olhos pareciam ter linguas, que lambiam a epiderme. E tanto as tinham, que, dois mezes após a resolução tomada, o commendador transferia a hora das visitas ao amigo, entrando-lhe em casa ás duas da tarde, em vez das oito da noite.

Certo dia, como era fatal, recebeu Oscar de Miranda, na repartição, a indefectivel carta anonyma. Era «um amigo devotado» que lhe avisava a profanação do seu lar, communicando-lhe que o commendador Antunes de Azevedo passava a tarde na sua casa, em intimidade com a sua esposa, tombada do seu pedestal de pureza pela labias do Don Juan.

— Isto é uma infamia! — rugiu o honrado chefe de secção, amassando a carta nos dedos. — Felicidade é incapaz de uma torpeza d'estas!

A denuncia era, porém, de tal ordem, que o marido ludibriado resolveu tomal-a em consideração, ficando de sentinella, no dia seguinte, escondido na confeitaria do canto. E lá estava, no seu posto, quando viu passar, no rumo da sua casa, o Antunes de Azevedo, que lá penetrou sem, ao menos, bater palmas, ou fazer soar a campainha.

Com o desespero no coração, Oscar de Miranda deixou passar um quarto de hora, e, atravessando a rua, entrou em casa. E recuou, pálido: assustados pelo barulho que fizera, estavam na sala de jantar, em trajes de intimidade, a sua esposa, a sua querida Felicidade, e o commendador Antunes de Azevedo!

Ao vel-os assim, o desgraçado não teve, sequer, a iniciativa de uma violencia: cahiu numa cadeira, junto á mesa, a cabeça nas mãos.

— Amigo desleal! amigo infame! — gemia num accesso de choro. E desolado, sacodido pelos soluços:

— Tirar a «felicidade» dos outros!... **J. Pruêta**



OS PRINCIPES DA GALANTERIA

POR QUE?

Vês tu? onde vae dezembro!
Lá se foi um anno inteiro;
De novo o mez de janeiro
Já na folhinha se vê;
E nós dois, se bem me lembro,
Durante esses doze mezes,
Não fallamos duas vezes...
Duas!?... Nem uma... Por que?

Quando me encontras na rua,
Nem uma palavra ao menos,
Olhamo-nos tão serenos,
Como quem no amor não crê.
E eu ouço uma voz: «Sou tua!»
«Sou teu!» escutas passando;
E assim vamos nos amando,
Sem nos fallarmos... Por que?

Naquella noite, no theatro,
O teu lencinho agitou-se,
Pensei que commigo fôsse,
Mas era para um bebê;
Pensei logo o diabo a quatro,
Levantei-me... Tu me olhaste...
Vi que commigo fallaste,
E tudo acabou... Por que?

Até na confeitaria
São sempre os mesmos segredos:
Tu na pontinha dos dedos
Tomas um «marron glacé»,
E, como uma ave o faria,
Mordeste-o devagarinho,
E eu sinto que o teu dentinho
Vae me mordendo... Por que?

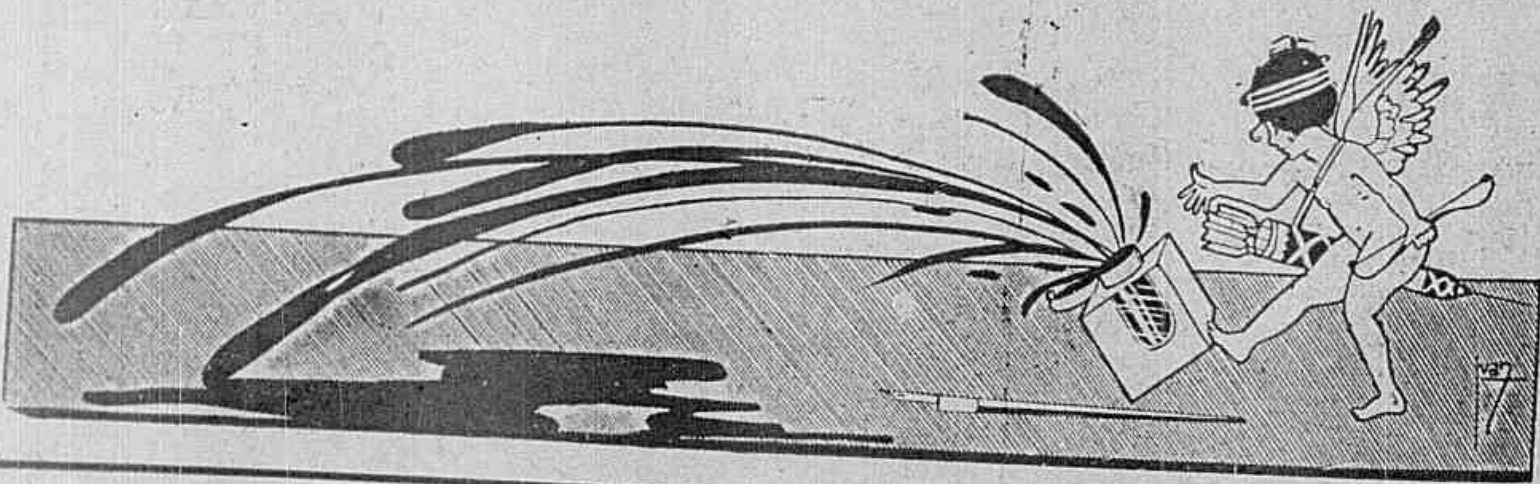
Nos touros, todo o domingo,
Quasi não vemos a arena,
Mas, de repente, que pena!
Num olhar que alguém te dê,
Perco a razão, e me vingo,
Olho outra, mas, me voltando,
Estás para mim olhando
Com o mesmo ciúme... Por que?

Beijaste acaso uma amiga?
Senti na bocca o teu beijo,
Ardes no mesmo desejo,
Quem nos teus olhos não lê?
Disfarças, temes a intriga,
O sangue ás faces de monta,
E eu sinto a cabeça tonta,
Soffremos ambos... Por que?

Dar-se-ha maior creancice?
Somos dois indifferentes...
Porém, se estamos ausentes,
Ou um ao outro não vê,
Aquillo que eu não te disse,
O que tu não me disseste,
O que fiz, o que fizeste,
Tudo nos lembra... Por que?

Nunca, em toda a nossa vida,
As mãos, sequer, apertamos,
Nunca uma frase trocamos,
Nem um... «tu», nem um... «você»...
Dize-me, pois, Margarida,
Porque, ao ver-nos, toda a gente,
Diz, segura, incontinentemente:
«Como se adoram!...» Por que?

Guimarães Passos



PAGINA PORTUGUEZA

AS CASADAS

Pagina de JULIO CESAR MACHADO

-- Com que, — disse o doutor a Gonçalo, de uma ocasião em que estavam sós no terraço a olhar para o mar: -- recebeste uma carta anonyma?

— Sim! respondeu o marido n'um tom sombrio.

— Sabes que importancia deve dar-se a esses artificios da calunnia?

— Sei que soffro.

— Para que casaste?

— Que vens a dizer n'isso? E' então uma condição infallivel, que o casamento traga o infortunio? Tira do mundo as mulheres e as flores, — que te resta? Ninguém espera encontrar no seu proximo virtudes de ordem muito elevada; a humanidade não as comporta; mas, ha o direito de não esperar vilanias de carater, que destroem toda a estima e todo o sentimento. Se é acaso verdade que um dos meus amigos, Carlos Eduardo...

— Não é verdade, não. Pensa n'outra coisa! O que é certo apenas, é que o horizonte conjugal tem d'estes novoeiros, de que eu por muitas vezes te preveni!

— Grande razão! Porque tu lêste n'uma notícia diversa a historia d'algun divorcio, deve o resto da humanidade fugir das mulheres! Quem pôde adivinhar-lhes a indole, ou conhecer-lha sequer pelo trato do mundo? Os metaes preciosos experimentam-se ao tocal-os, o coração d'ellas tambem!

— E que resolves, em referencia á tua?

— Observa-a. Se não é, como eu a supponho, um anjo, cae de bem alto, mas cae para sempre...

— E elle?

— Oh! replicou Gonçalo com um sorriso sinistro. Elle! Como tu lêes sempre os jornaes... os jornaes t'o dirão! E' preciso que aprendam em Lisboa como se vingam os da provincia! Um marido enganado, que se zanga, é um ente brutal: o que não se zanga, é um tolo; aqui está o, que elles por ahi dizem. Que farias?

— Eu sei cá!

— Não é facil de antecipar, não. N'esta scena da comedia humana, não é o actor quem é mau, é o papel! Oh! Como eu soffro!...

Todas as manhãs, Carminho e Amelia iam resar ao pé do tumulo de sua mãe. Ao terceiro dia, quando a noiva foi a ajoelhar, viu sobre a pedra um ramo de saudades. Desde então encontrou sempre flôres sobre o tumulo, sem avistar nunca a occulta mão que ia juntar a sua offerenda á della. Uma vez, por irem mais cedo que de costume, ou por elle se ter

esquecido indiscretamente, perdido nos seus sonhos, viram Carlos Eduardo encostado ás grades do mausoleu. As duas senhoras, por um movimento instinctivo, pareceram querer partir, quando, ao voltarem-se, avistaram em distancia Gonçalo Dantas e o medico.

Um sentimento de perplexidade e de terror pareceu retel-as um momento; mas o braço de Amelia teve força de conduzir sua irmã até ao jazigo. A noiva, assombrada e livida, caiu de joelhos, encostada ao tumulo. Amelia teve apenas tempo de dizer debilmente a Carlos, cuja vista acabava de descobrir os dois imprevisos personagens:

— Jure-me pela alma de quem nos ouve, senhor, que aceita a unica maneira de salvar esta martyr!

Elle pareceu interrogar-a n'um olhar.

— Sou sua! accrescentou ella.

O mancebo, que, n'um relampago, sentiu o que havia de sublime n'esta resolução suprema, humedeceu de lagrimas a mão que beijou.

Um mez depois, Carlos Eduardo e Amelia, cujo previsto casamento o mundo explicava pela morte da viscondessa, como havendo-se opposto sempre esta dama á mysteriosa côrte do mancebo para sua filha, partiam para a Italia, na intenção de irem depois residir em Paris. O doutor, n'esse dia, deu um prolongado abraço no seu amigo Gonçalo, e disse-lhe com a mais solemne alegria:

— Pois agora é que t'o confesso! Quando te declaraste «em perigo», pelas insinuações da maldita carta anonyma que recebeste em Barcellos, e me induziste á indignidade de irmos espreitar tua mulher ao cemiterio, — julguei-te um marido... em bancarota!...

— Reconhece-a um anjo, meu petulante, e pede perdão á tua consciencia!

— Elle era poeta, e eu tenho medo d'elles como de apanhar sol! Gente perigosa na intimidade! Cumpre a um marido evital-os com prudencia. São como as vistas de theatro, — devem ver-se de longe! Eu tinha-o encontrado, uma noite, rodando a tua casa ás tres horas da madrugada; a tua casa, percebes? E depois, Mathusalem, a creatura humana, — já has de ter lido isto! — é extremamente fragil!...

— A creatura humana é perfida ou estúpida, é o que ella é. Um homem segue duas irmãs, de que uma só é solteira: porque se lembra o mundo de preferencia, que seja a casada que elle se dirige?!

— Tens razão! Dá cá outro abraço!...

Julio Cesar Machado

O NERVO DO PESCOÇO

CONTO DE JAUFER

Tonico Rosa adoeceu. O pae, um austero capitalista, ficou muito apprehensivo com o caso e, em emergencia tal, appellou para o dr. Villa Nova. O rapaz não se mostrava muito christão: — pallidez, olheiras, cansaço, falta de appetite, visões, uma infinidade de cousas. O medico chegou, viu, apalpou, auscultou. O exame foi demorado, talvez mais de uma hora, naturalmente para fazer ju's a melhor remuneração. Isso, porem, não é de minha conta. Terminado o exame, o pobre pae indagou:

— Então, dr.?

— Nada de gravidade... absolutamente.

— Mas, de que precisa o rapaz?

— Precisa sahir...

— Sahir?!... Como?!

— Ora, o senhor comprehende... sahir...

E o medico esboçou um sorriso muito significativo, acompanhado de um gesto ainda mais significativo.

— Palavra, não entendo...

— Ora...

E o dr. Villa Nova, complacientemente, segredou qualquer cousa, ao ouvido do attribulado velho.

— Não diga?... — exclamou este, boquiaberto.

— Pois é verdade.

— Ora, ora, ora. Naquelle idade e ainda... Nem mesmo eu, que vivi nos tempos do onça e fui creado debaixo de sete chaves!...

Depois de alguns minutos de reflexão, o velho Rosa ajuntou:

— O diabo, dr., é que não sei como ministrar o remedio... Si o dr. quizesse guiar o rapaz...

— Eu não, Deus me livre, — protestou o medico, assustado. — Com esta idade?!... Como facultativo que sou, apenas receito, mas não pôsso levar o doente á pharmacia.

— Oh, dr., e si nós casassemos o Tonico?...

— Bem lembrado!

E assim foi que, dois mezes mais tarde, com a pompa usual do interior, o Tonico se ligava, pelos sagrados laços do matrimonio, á filha mais velha do compadre Manoel Soares. Na occasião dos parabens, o dr. Villa Nova, approximando-se da noiva, lhe disse a meia voz:

— Dona Caru'la, agora seja muito boa enfermeira de Tonico. Dê-lhe o remedio á hora certa...

A noiva, estupefacta, arregalou os olhos, sem comprehender. Mas, o velho Rosa, que ouvira a recomendação, sorriu maliciosamente e murmurou:

— Não tem perigo!...

A festa do casamento acabou ha quasi duas horas. A casa inteira jaz em silencio. Eis snão quando rompe uma lamentação no quarto dos recém-casados. E' o Tonico Rosa que geme angustiosamente. Acódem todos. O pae inquire, afflicto, batendo á porta

— Que é?!

Que succedeu?!

E o Tonico, do outro lado, quasi suffocado, informa:

— Parece, parece que estou... que estou sentindo... arrebrantar o nervo do pescoço, papae!...

Jaufer (S. Paulo)



UM E UM FAZEM UM

Conto de JEAN KOLB

Há um anno, Monette andava com um desejo doido. E, no entanto, não estava grávida. Monette queria offerecer a si mesma — ou achar quem lhe offerecesse — um «manteau» de falso «renard» azul, que tinha visto exposto, em uma pequena loja da rua de Calais, ao preço muito razoavel de dois mil francos.

Desses dois mil francos, entretanto, Monette não tinha, sequer, o primeiro. Seu marido, Eugenio Follefant, fazia os «cães esmagados» no «Hebdomadario», jornal de informações que informava mais do que o necessario. Os oitocentos francos mensaes de Eugenio não lhe permittiam offerecer a sua querida mulhersinha um «manteau» daquelle preço. Monette, por seu turno, ganhava quinhentos e cincoenta francos por mez em um banco, como dactylographa. E é nesta quantia que ella fixa sua esperança de, um dia, ou outro, — antes outro — assim o deslumbrante «renard» dos seus sonhos.

Durante um anno, moeda por moeda, ou para falar verdade, franco por franco, conseguiu economisar mil, sem nada dizer ao marido, até que conseguiu trocal-os por uma nota desse valor, que era a primeira em que havia pegado na sua vida. O «manteau» de falso «renard» azul lá estava ainda na pequena loja da rua de Calais, onde a rapariga o ia namorar todos os dias.

Monette definhava, pensando nelle. Havia conseguido economisar mil francos, em um anno. Como, porém, o «manteau» custasse dois mil, um rapido calculo de cabeça levou-a a conclusão de que ainda se tornavam necessarios doze mezess para perfazer a somma necessaria.

Doze mezess!... Era muito.. Ella não poderia esperar tanto tempo. E, depois, quem sabe, se de passagem pela rua, algum transeante de bom gosto não a precederia na compra, inutilizando todo aquelle tempo de sacrificio?

Que fazer, pois? Pedir o dinheiro a seu marido? Seria o mesmo que obrigar-o a reclamar augmento ao director do jornal. Então? No dia seguinte, após algumas hesitações, Monette apresenta-se na casa de Heitor Piévache.

Heitor Piévache era o amigo mais intimo de Eugenio Follefant. Tinham feito a guerra juntos, havendo Heitor, durante um ataque das forças francezas, se aventurado nas linhas allemães para salvar Eugenio, ferido pelos estilhaços de um obus.

— Bom dia, Heitor!

— Você?... Que novidade é essa?

— Heitor, você estima meu marido?

— Meu Deus! Mas eu não lhe salvei a vida?

— Você esta ia prompto, então, a prestar-lhe um serviço?

— Como elle m'o presta ia, se eu lh'o pedisse.

— E a mim?

— A você?

— Sim.

— Explique o caso.

— Heitor, eu preciso de mil francos!

— Eugenio não os tem?

— Não; e, depois, eu não quero que elle saiba.

— E' que... — fez Heitor, sem saber como respondesse, — ... eu não ganho aos centos. Cincoenta lizes, são muito dinheiro... Eu não vejo, mesmo aonde os vou buscar...

— E' então, uma recusa?

Si é uma recusa... Ah, os homens, todos os mesmos! Eu viria lhe

dizer: «Heitor, por mil francos, eu virei passar uma hora com você». Arranje-me essa quantia, que, em vinte e quatro horas, estarei aqui, a sua disposição.

— O que?... Você... Por mil francos?...

— E' o que lhe digo.

— Monette, você os terá amanhã. Venha!

— Sem condições?

— Sim; nas condições que você me acaba de propôr.

— Você é um miseravel!

— Seja. Mas, negocio é negocio. E você venha amanhã.

No dia seguinte, Monette apresentou-se, á hora certa, na casa de Heitor. E quando sahio de lá, ageitando o chapéo e endireitando o vestido, estava sobrecarregada de remorsos mas trazia na bolsa um bilhete de mil francos. Para consolar-se a si mesma e adormecer a consciencia, passou pela rua Calais a ver o «renard», o qual pareceu dizer-lhe: «E' hoje que tu me compras? E'?»

Monette entrou em casa mais calma. Certo, ella havia enganado seu marido, mas não fôra nem por vicio, nem por amor, mas porque a vida se tornara cara, em consequencia da guerra, pela qual não era ella responsavel. Ligeira, penetra no quarto, lançando um «Como vaes, meu velho!» ao esposo, que já havia chegado. Sem tirar mesmo o chapéo, correu ao seu cofresinho, para juntar os mil francos do crime aos mil da economia, e recuou, horrorizada. A nota não estava no lugar!

— Eugenio, é horrivel! Rouba am-me!... — gritou, apavorada.

Follefant atira para o lado o seu jornal, indagando:

— Rouba am-te? Onde?

— Aqui no quarto... No armario... entre as roupas... eu tinha posto um bilhete de mil... Sim; tu não sabias: eu tinha economisado esse dinheiro para... te fazer um presente... e... o bilhete de mil... desapareceu... roubado! E' horrivel!...

Eugenio puxa, porém, para si, a sua mulherzinha, tranquillizando-a:

— Eu sabia de tudo, filha... Eu conhecia o teu segredo... Eu sabia que tu estavas economisando para fazer uma grande surpresa a teu marido... Sim, tu querias comprar-me aquella bicycletta de que eu te falei tantas vezes... Mas, desde que era para me ser agradável que tu economisavas aquella quantia, fica contentesinha, porque tu não me podias ser mais agradável: graças a ella, eu pude ter alguns minutos de prazer.

— Como? Foste tu que diraste o bilhete?

— Sim; fui eu.

— E que fizeste d'elle?

— Emprestei-o a um amigo, ao meu melhor amigo.

— Heitor?... — grita Monette.

— Tu adivinhaste. A Heitor, mesmo. Elle veio me pedir hontem. Tu comprehendes, um homem a quem devo a vida, e a quem não podia negar. Mas, elle m'os devolverá, um dia, ou outro... Elle não me disse nada, mas eu percebi: ha negocios de mulher, no meio d'isso tudo. Ah, o malindio!... Com o seu physico de carregado de defuncto, elle não tem outro meio, coitado! que não o dinheiro para seduzir as mulheres... E' um infeliz... Tu, por exemplo, te ias coragem de te entregar, fosse por quanto fosse, a um homem como Prevache?

Monette enrubeceu de subito. Foi, porém, com dignidade, que respondeu ao marido:

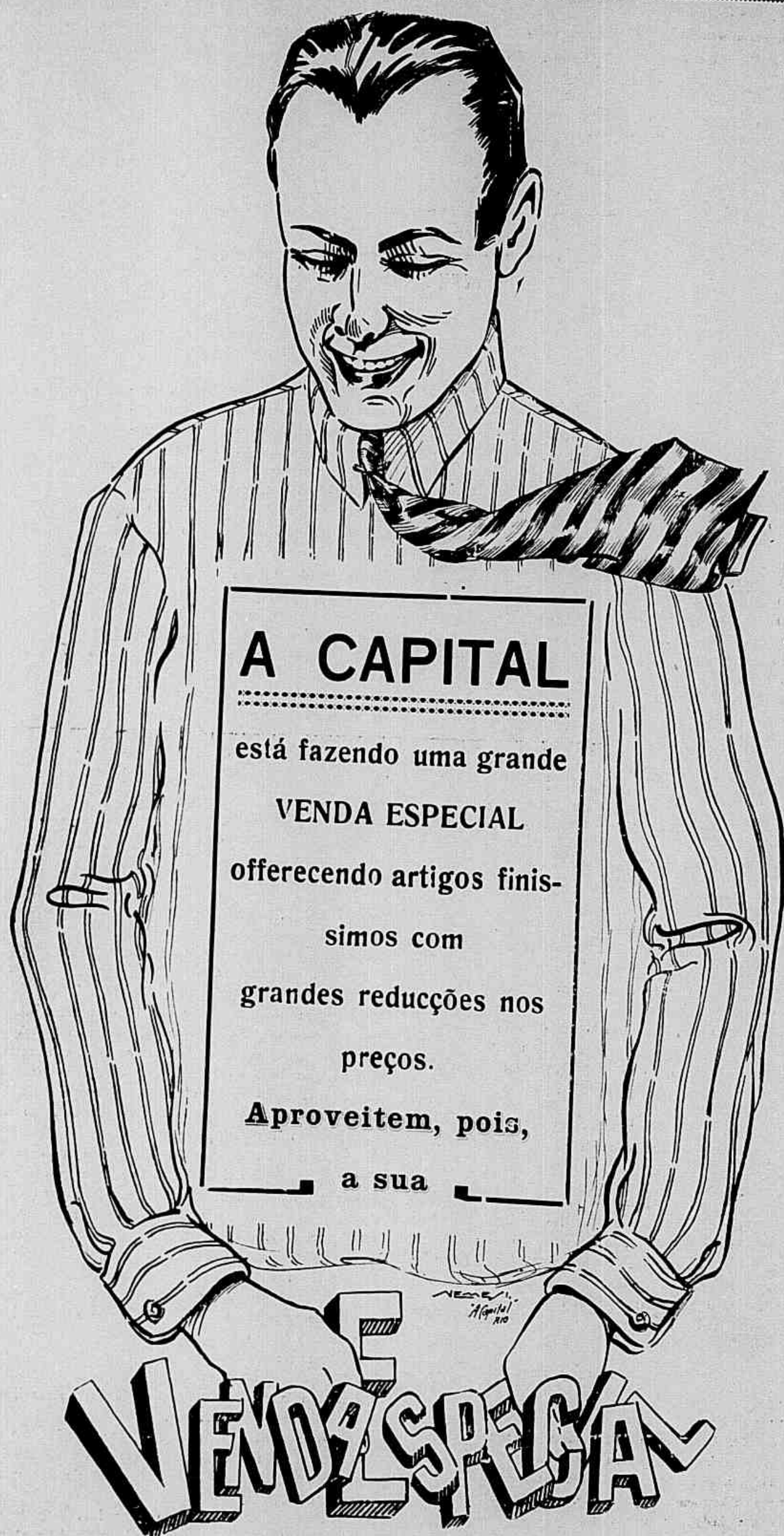
— Ora, Eugenio!...

E com indignação:

— Isto é, então, pergunta que você me faça?

Jean Kolb





A CAPITAL

está fazendo uma grande
VENDA ESPECIAL
offerecendo artigos finis-
simos com
grandes reduções nos
preços.

Aproveitem, pois,

a sua

VENDA ESPECIAL

O PRIMO JACYNTHO

CONTO DE
ARION DA GAMA

Quando, logo depois de sua chegada a S. Paulo, para onde viera com o fim de proseguir os seus estudos de preparatórios, foi, em companhia dos primos, visitar, pela primeira vez, a casa de pensão de Madame Florisbella, à rua do Amador Bueno, Jacyntho de Magalhães ficou de véras espantado ao ver a semcerimônia e a escandalosa liberdade com que as pensionistas de Madame Florisbella trocavam beijos e abraços não só com seus primos, como ainda com outros rapazes que elle não conhecia mas que alli estavam como se fossem intimos da casa.

A sua admiração e curiosidade, porém, mais augmentaram quando um de seus primos, levando pelo braço uma formosa rapariga de 20 annos presumíveis, desapareceu pelos fundos da casa para, meia hora depois, voltar à sala de jantar, trazendo no rosto moreno rosado uma expressão de indizível contentamento.

Na rua, já de regresso ao hotel em que tinham os seus aposentos, Jacyntho de Magalhães sentiu-se mais à vontade para perguntar aos primos qual a significação d'aquelles afastamentos que duravam meia hora e, muitas vezes, uma hora até. Jorge, um dos primos, tomou a palavra para satisfazer à curiosidade do parente:

— Os afastamentos significam, nada mais nada menos, do que uma visita regularmente demorada às diversas dependencias da casa, que é grande e muito linda.

— Ahn!... — fez Jacyntho de Magalhães. — Eu já estava fazendo mau juizo de vocês.

— Malicioso! Você não vê, então, que nós somos incapazes, pela nossa educação de familia, de resvalar no peccado?

Jacyntho de Magalhães mostrou-se satisfeito com a explicação e externou aos primos o desejo que tinha de fazer uma dessas visitas.

— Pois vá visital-a amanhã, à noite — tornaram ambos.

No dia seguinte, pela manhã, Madame Florisbella ficara sabendo, pelo telephone, da conversa havida na vespera entre os seus amiguinhos.

— Deixe-o vir — disse ella. — Confiarei à Julieta a tarefa de o acompanhar.

Nesse mesmo dia, à noite, Jacyntho foi recebido com todas as honras na casa de pensão da rua Amador Bueno.

Julieta, a sua graciosa e captivante «cicerone», cummulou-o de gentilezas. A' medida que andavam ella explicava, solicita: aqui é o quarto de Isaura; alli, o quarto de Alice, acolá, o quarto de Nenê; aquelle defronte ao d'ella, é o de Zizi; aquell'outro o de Rachel: a...

— E o seu? perguntou, curioso, o visitante.

— O meu é aquelle alli, o n. 8, sabe?

E dando uma corridinha foi abrí-lo e illuminal-o para que o seu amiguinho o visse mais de perto.

— Entre, queridinho.

Jacyntho de Magalhães, porém, estacou ao pé da porta. Não queria entrar, teimou mesmo em não entrar e só acquiesceu, receioso, ao delicado convite de Julieta quando esta lhe disse que se zangaria de véras se elle d'alli se fosse sem conhecer-lhe o ninho.

Considerando ter chegado ao termo da tarefa que lhe fôra commettida, Julieta desfez-se da sua blusinha de seda escarlata e foi sentar-se, no divan, ao lado do seu esculpido visitante. Este, visivelmente escandalizado, tinha os olhos fitos no tecto.

— Você não está sentindo calor? aventurou ella.

— Muiissimo. Está de rachar.

— Então tire o paletó e venha dar-me um beijo, sim?

Nervoso, immovel, desviando tanto quanto possivel os olhos d'aquella tentação em pessoa, Jacyntho de Magalhães não respondeu.

Ella levantou-se e abraçando-se-lhe ao pescoço cobriu-lhe o rosto de beijos.

Jacyntho de Magalhães repelliua com altivez e dignidade:

— Sem vergonha!

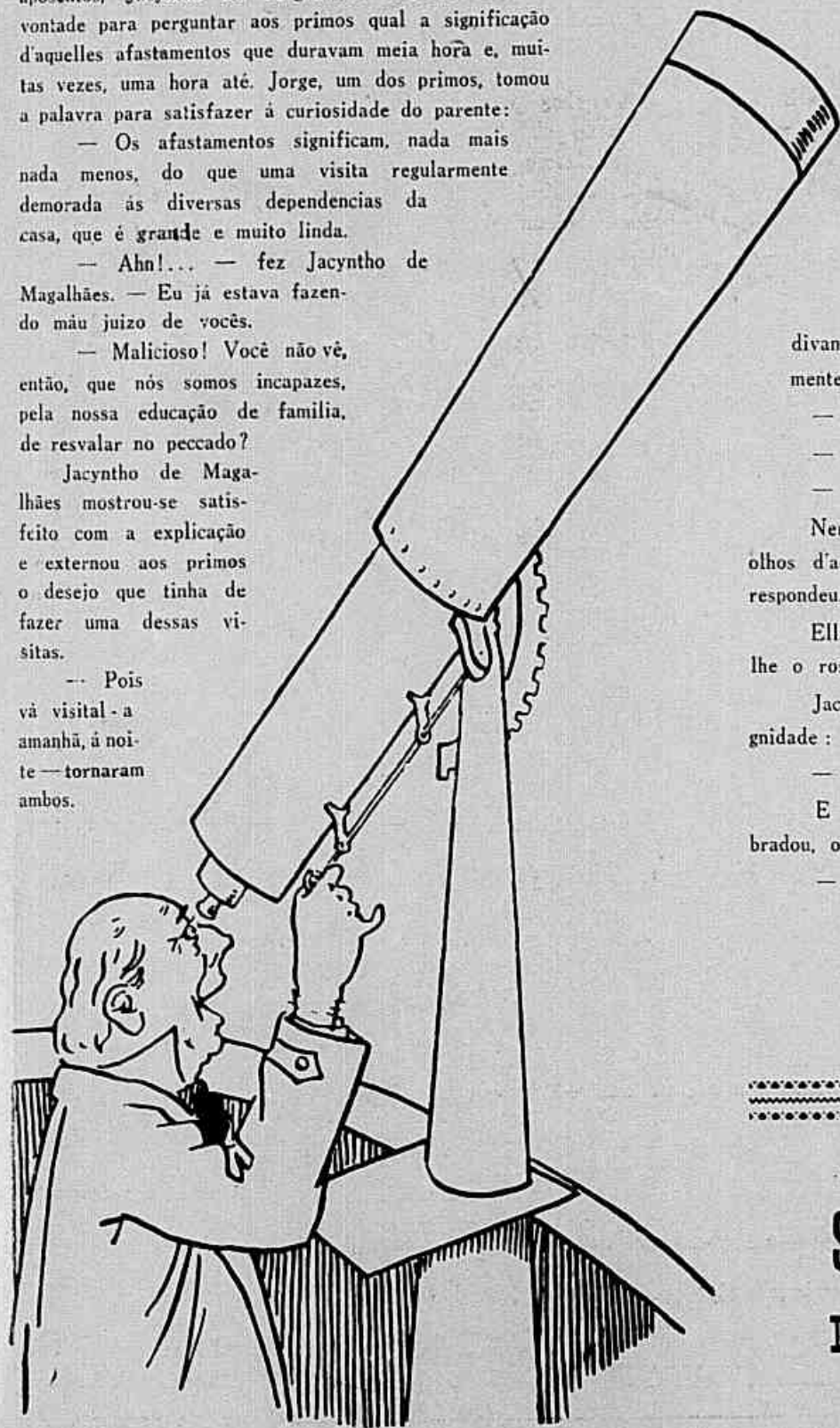
E de um salto, ganhando a porta, rubro de cólera, bradou, offendido na sua pureza:

— Fique sabendo que eu sou de familia, ouviu?

Arion da Gama

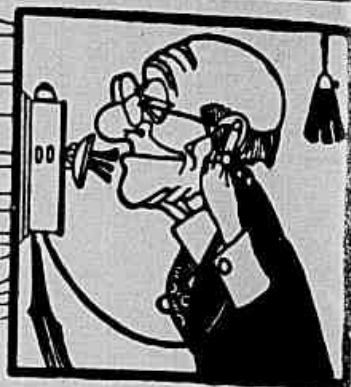
SYPHILIS? SÓ LUETYL

Licor - Capsulas - Injeccões





"POTINS"



Os primos... inter pares

Ha muito tempo, a esposa do conhecido jornalista politico, seahora de grandes virtudes domesticas, demonstrava certa má vontade ao receber, em casa, os parentes do marido. A cara de madame era, mesmo, tão torcida, que os aparentados do illustre homem de imprensa deram o fóra, como se diz na gíria, deixando a virtuosa senhora inteiramente á vontade.

Hoje, madame está como quer: não attende a parentes, nem a amigos, a ninguém: apenas recebe um primo rapagão sympathico e forte, que toma conta da casa, sem ninguém que o incomode.

Nem mesmo, o jornalista, que já tem, também, outra casa para passar metade da noite...

Garçonne... rie...

Não obstante o barulho feito pelos jornaes, pouca gente conhece «La Garçonne», o famoso romance de Victor Margueritte. A procura é enorme nas livrarias mas, como estas não o tem recebido, fica tudo no dezejo.

Madame, esposa de um advogado illustre, conseguiu de alguém, que não é advogado, um volume do famigerado romance. E devorava-o, interessada, naquella capitulo do bordel, quando entrou o amigo que lhe emprestara o livro.

— Isto é um romance que não se pode ler sosinha; sabe? — foi dizendo, nervosa, a dona da casa.

— Precisa de um amigo? — indagou, rindo, o visitante.

— De um amigo, não, — fez a gatinha.

E espreguiçando-se:

— De uma amiga...



— Pois é disso mesmo que eu tenho medo, filha.

— ?...

— D'aqui a nove mezes!

A Belleza de Pola Negri

Não são somente os dois olhos grandes e negros, os cabellos formosos, o nariz e a bocca de pequenas proporções que fazem realçar a fascinante belleza de Pola Negri. De nada serviria tudo isso se a sua pelle clara e assetinada não fortalecesse essa belleza.

As pessoas que possuem os primeiros predcados, podem reaver este ultimo, que é o essencial, por ser o mesmo um dom da natureza. Experimentem por alguns dias umas applicações de crème de cêra purificado e verão como conseguem transformar rapidamente o estado

geral de rosto.

E' comprar por uns mil reis um thezouro que é a belleza.

— O seu alfaiate veste-o mal?
Nós o vestiremos bem.
— O seu alfaiate veste-o bem?
Nós o vestiremos melhor...

VISITE V. EX. A
ESTRELLA BRANCA
(WHITE STAR)

E verificará que em parte alguma se poderá vestir em melhores condições

146 — Rua Uruguayana — 146

Uma quadra do engraçadissimo actor Procopio Ferreira

Moça que á tarde é formosa
Nem sempre o é de manhã
A não ser que, caprichosa,
Use pó de arroz TRIAN.

A formula do «Trian» foi extrahida do livro «Minhas Memorias» de Cléo de Merode, a artista que dominou Paris pela sua rara belleza. São depositarios do «Trian» os srs. Domingues & C., Avenida Rio Branco, 149, (2º andar).

**EXIR DE
SROQUEIRA**

do pharmaceutico-chimico JOÃO DA SILVA SILVEIRA
Grande depurativo do sangue — Para syphilis e suas
terriveis enfermidades.

USAE! USAE! USAE!

FRUCTAL

Pó effervescente á base de
saes de fructas

Combate as **perturbações gastro-intestinaes** e regularisa as funcções do aparelho digestivo.

As indisposições, tonteiras, enxaquecas, dor e peso no Estomago, asias, colicas e demais symptomas d'aquellas perturbações cessam com uma só unica dose de Fructal.

Quem tomar Fructal não sofrerá do Estomago, Intestinos, Figado e Rins.

E' muito agradável de tomar.
Encontra-se em toda as phar-
macias.



*O illustre Dr. Mario Graccho assim se
exprime sobre o*

ELIXIR "914"

Attesto, com a maxima satisfacção, que venho empregando com beneficos resultados o preparado ELIXIR "914", nos casos de manifestações da pelle e mesmo nas manifestações de origem syphilitica.

Esse preparado substitue perfeitamente os similares estrangeiros.

S. Paulo, 19 Janeiro 1923

(Ass.) *Dr. Mario Graccho*
(firma reconhecida)

ENCONTRA-SE EM TODA A PARTE

LIVROS

DO

CONSELHEIRO X. X.



VALLE DE JOSAPHAT — chronicas de 1918 (10.^o milheiro) 1 vol. 300 pags.
br. 5\$ enc. 6\$500

TONEL DE DIOGENES — chronicas de 1919 (12.^o milheiro) 1 vol. 320 pags. br. 5\$ enc. 6\$500

A SERPENTE DE BRONZE — chronicas de 1920 (10.^o milheiro) 1 vol. 360 pags. br. 5\$ enc. 6\$500

GANSOS DE CAPITOLIO — chronicas de 1921 (6.^o milheiro) 1 vol. 406 pags. br. 5\$ enc. 6\$500

NO PRELO

BACIA DE PILATOS — chronicas de 1922 1 vol. 400 pags. br. 5\$ enc. 6\$500

Editora : GRANDE LIVRARIA LEITE RIBEIRO

Ruas: Bethencourt da Silva, 15, 17 e 19 e 13 de Maio, 74 e 76

Caixa Postal 899 — End. telegr. ETIEh — Telephones: Central 250 e 38